

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Vandro Pisaneschi

**Contribuições do aconselhamento psicológico para a prática da direção
espiritual**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Vandro Pisaneschi

**Contribuições do aconselhamento psicológico para a prática da direção
espiritual**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Marília Ancona Lopez.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

“Sobretudo, agradeço a Deus, que não me desamparou nos momentos difíceis em que a Ele recorri durante a execução desta tarefa, e a Quem, em última instância, ‘toda honra e toda glória’ são devidas. Queira Ele continuar me guiando, inspirando, defendendo e abençoando em todos os passos e momentos de minha vida, e possa eu, de maneira cada vez mais plena, verdadeira e consciente colocar-me a Seu serviço e entregar-me a Seu amor”.

Elias Boainain Jr.

Dedico esta dissertação a Deus e a todos
àqueles a quem esta pesquisa puder ser útil.

AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar, agradeço a Deus, meu maior amigo e a quem eu entreguei toda a minha vida.

À querida Igreja Católica, especialmente à Arquidiocese de São Paulo, na pessoa do seu Arcebispo Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer.

Agradeço, também, a Dom Manuel Parrado Carral e a Dom Tarcísio Scaramussa, pastores e amigos na fé.

A caríssima Professora Marília Ancona Lopez, por acreditar em mim desde o início. Sem o seu apoio nada disto teria acontecido, minha admiração e gratidão filial.

As professoras Maria Elisabeth Montagna e Silvia Ancona Lopez, pelos valiosos comentários no exame de qualificação.

À querida PUC/SP, ao programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, especialmente a Professora Marlise Aparecida Bassani e a professora Edna Peters Kahhale; à Pastoral Universitária e a todos os meus amigos e irmãos, colegas de mestrado e doutorado que sempre me acolheram e incentivaram.

Aos padres Vando Valentini e Edécio Serafim Ottaviani pelo carinho fraterno de sempre.

À minha amada família paroquial Nossa Senhora Aparecida dos Ferroviários por toda a paciência e compreensão durante todo o tempo de estudo.

Agradeço também à querida professora Alzira Mesquita, ao Professor José Ribeiro Filho e a toda comunidade do Colégio São Judas Tadeu.

À toda minha família: minha “vó”, minha mãe, meu pai e meu irmão, por estarem comigo em todos os momentos.

À Cristiane Fairbanks, à Maria Beatriz Ferreira Leite e à Família Veloso por todo o apoio sincero.

À Fundação São Paulo por me possibilitar a realização desta pesquisa.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente participaram deste momento muito importante da minha vida, meus sinceros agradecimentos.

A todos minha eterna gratidão, contem sempre comigo e com as minhas orações.

SUMÁRIO

RESUMO	X
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO	18
1.1. Relação de ajuda	18
1.2. Aconselhamento psicológico	19
1.2.1. As atitudes facilitadoras	21
1.2.1.1. Aceitação positiva	22
1.2.1.2. Congruência	24
1.2.1.3. Empatia	26
1.2.1.4. Escuta	28
1.2.1.5. Envolvimento existencial e distanciamento reflexivo	29
1.2.2. A pessoa do conselheiro	30
1.2.2.1. Maturidade psicoafetiva	30
1.2.2.2. Formação teórica	31
1.2.2.3. Prática Profissional	31
1.3. Aconselhamento psicológico: rumo à vida autônoma e responsável	32
CAPÍTULO II - DIREÇÃO ESPIRITUAL	33
2.1. Direção espiritual	34
2.1.1. Fé: elemento fundamental na relação de direção espiritual	37
2.2. O diretor espiritual	38
2.2.1. Acompanhamento e supervisão	39
2.3. Objetivos da direção espiritual	40
2.3.1. Teografia e Mistagogia	40
2.3.2. Educação da consciência	41

2.3.3. Nova vida em Cristo	43
2.4. O processo de direção espiritual	44
2.4.1. Elementos essenciais na direção espiritual	46
2.4.2. Movimentos da direção espiritual	47
2.4.2.1. Percepção de Deus na vida cotidiana	48
2.4.2.2. Apropriação das manifestações de Deus	48
2.4.2.3 Compromisso com Deus	49
2.4.2.4. Acompanhamento permanente	49
2.4.3. Transferência e contratransferência	49
2.5. Frutos da direção espiritual	50
CAPÍTULO III - DIÁLOGO ENTRE O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO E A DIREÇÃO ESPIRITUAL	52
3.1. Visão de homem para a abordagem centrada na pessoa	52
3.2. Visão de homem para a Igreja Católica	53
3.3. Dimensão espiritual e psicológica	56
3.4. Tendência ao desenvolvimento	61
3.4.1. Vida em plenitude	63
3.5. Síntese	65
CAPÍTULO IV – APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO PARA A PRÁTICA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL	69
4.1. Motivação da pesquisa	70
4.2. Escolha da abordagem teórica	70
4.3. Apropriação de alguns conceitos da abordagem centrada na pessoa	72
4.4. Ambiente favorável e atitudes facilitadoras	75
4.4.1. Aceitação positiva	75
4.4.2. Congruência ou autenticidade	79
4.4.3. Empatia	80

4.4.4. Escuta	83
4.4.5. Envolvimento existencial e distanciamento reflexivo	85
AFIRMAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88

PISANESCHI, Vandro. *Contribuições do aconselhamento psicológico para a prática da direção espiritual.* Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009, 92 p.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo pesquisar possíveis contribuições do aconselhamento psicológico na abordagem centrada na pessoa para a prática da direção espiritual, na perspectiva da religião Católica, à luz do diálogo interdisciplinar. Para concretizar este objetivo, em primeiro lugar, apresenta-se o aconselhamento psicológico como uma relação de ajuda, na qual o conselheiro busca auxiliar o aconselhado a encontrar seu próprio caminho rumo a uma vida plena. No segundo momento, apresenta-se a direção espiritual como uma relação de ajuda espiritual, à luz da fé em Jesus Cristo, entre diretor espiritual e orientando, na qual o primeiro auxilia o segundo a perscrutar, nas suas experiências de vida, os sinais de Deus, para melhorar o seu relacionamento consigo mesmo, com os outros e com Deus. Após apresentar as duas relações de ajuda, constrói-se um diálogo entre as mesmas, apontando suas semelhanças, diferenças e implicações para a prática da direção espiritual. Para concluir, apresentam-se apropriações de conceitos e atitudes do aconselhamento psicológico na prática da direção espiritual.

Palavras chave: 1. Aconselhamento psicológico; 2. Abordagem centrada na pessoa; 3. Direção Espiritual. 4. Religião Católica; 5. Diálogo interdisciplinar.

PISANESCHI, Vandro. *Contributions of psychological counseling to the practice of spiritual direction*. Master's Dissertation – Program of Graduate Studies in Clinical Psychology of the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brazil, 2009, 92 p.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to research possible contributions of psychological counseling under Person-Centered Approach to the practice of spiritual direction, according to the Catholic religion perspective, in the light of interdisciplinary dialogue. In order to achieve this objective, introduce yourself at first psychological counseling as a help relationship through which the counselor tries to help the advised person to find his own way and lead a good full life. Secondly, present spiritual direction as a spiritual help relationship in the light of the faith in Jesus Christ, between spiritual director and directee in which the first helps the second to observe God's signs through his own life experiences in order to improve his relationship with himself, with others and with God himself. After presenting two help relationships, established a dialogue between both, showing their similarities, differences and implications for the practice of spiritual direction. To conclude, present appropriations of concepts and attitudes of the psychological counseling in the practice of spiritual direction.

Key Words: 1. Psychological counseling; 2. Person-Centered approach. 3. Spiritual direction. 4. Catholic Religion; 5. Interdisciplinary dialogue.

INTRODUÇÃO

O interesse nesta pesquisa nasceu da minha experiência como padre e diretor espiritual. Ao longo dos encontros de direção espiritual, percebia que a complexidade dos problemas apresentados, muitas vezes, exigia outras compreensões além daquelas abordadas na esfera espiritual.

Sentia que faltavam alguns elementos para compreender e ajudar melhor a pessoa que eu estava orientando, sendo necessários alguns conhecimentos complementares aos da teologia que me ajudassem a realizar um trabalho mais abrangente.

Muitas vivências narradas pelas pessoas que me procuravam não eram abarcadas somente pela dimensão espiritual e, em alguns casos, percebia aspectos psicológicos que eu não dominava, já que a minha graduação foi em direito e em teologia.

Afirmo que tais aspectos eram de origem psicológica, porque eu reconhecia que muitas das coisas narradas eram originárias da psique do indivíduo, da sua estrutura interna de referência, ou seja, de seus sentimentos, medos, hábitos, carências, traumas e de sua história pessoal.

Ante este quadro, sentia-me desprovido de conhecimentos mais amplos que me permitissem entender melhor o orientando, e ajudá-lo a lidar com os seus problemas. Senti, então, uma grande necessidade de buscar, no campo da psicologia, conhecimentos que me auxiliassem na direção espiritual.

A partir desta inquietação e desejo, procurei o programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP, porque me interessava pesquisar, nesta área, possíveis contribuições que pudessem auxiliar na minha prática. Como a literatura sobre psicologia e direção espiritual ainda é muito escassa, penso que esta dissertação, resultado da pesquisa, pode inclusive ajudar outros sacerdotes e seminaristas que necessitam destes conhecimentos para o exercício do seu ministério pastoral.

Para perceber a relevância desta pesquisa, faz-se necessário um olhar atento sobre o homem.

O homem é constituído de diversas dimensões, dentre elas, a espiritual e a psicológica.¹ Toda esta unidade precisa ser entendida e respeitada durante o processo de direção espiritual, pois sempre que o ser humano se relaciona com o Sagrado, todo seu ser é envolvido e, se uma destas dimensões não é cuidada, toda a experiência humana está comprometida.

Enxergar o homem somente pelo viés da dimensão espiritual significa ignorar muitos aspectos da experiência humana. Embora a dimensão espiritual tenha efeitos suficientes no modo da pessoa viver, em seus valores e referências, muitas vezes ela não é suficiente para resolver todos os problemas humanos.

Dada a sua complexidade, para uma correta compreensão da vida humana e de seus problemas, é necessário o diálogo entre diversas áreas do conhecimento que investigam o ser humano. O enquadre de apenas uma disciplina não consegue abarcar toda a riqueza e a diversidade da experiência humana.

Mendonça afirma que

os problemas contemporâneos não se situam no interior de apenas uma disciplina e suas soluções exigem um encaminhamento interdisciplinar e uma franca colaboração entre especialistas de disciplinas diferentes. Tais problemas impõem perspectivas e encaminhamentos mais globais, os quais ultrapassam o enquadre de apenas uma disciplina.

(...)

Os problemas humanos e sociais são de tal complexidade que colocam em interação aspectos muito distintos do conhecimento e de sua descoberta.²

Sendo assim, para entender a complexidade dos problemas do ser humano e ajudá-lo a fazer uma experiência religiosa é fundamental conhecê-lo e, para isto, o auxílio de outras ciências humanas pode ser útil.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa que envolve duas disciplinas distintas, que investigam o mesmo problema, é caracterizada e desenvolvida no campo da interdisciplinaridade.

¹ Cf. Saturnino GAMARRA, *Teologia Espiritual*, p.258 e Mário ALETTI, “Processi psicologici e accompagnamento spirituale: specificità e interazioni” in F. G. BRAMBILLA, M. ALETTI, M. I. ANGELINI, A. MONTANARI, *Accompagnamento spirituale e Intervento Psicologico: interpretazioni*, pp.11-48.

² Maria Emília MENDONÇA, *A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana*, p.143.

A colaboração dos pesquisadores, o encontro, e, por vezes, a integração das disciplinas, dos métodos de trabalho e de pesquisa exigem que especialistas de domínios diferentes possam se interrogar, dialogar e se compreender. Esta necessidade favorece o nascimento de terrenos comuns, de zonas de interface entre disciplinas e contribui para a construção da interdisciplinaridade. O progresso das ciências humanas contribuiu para o desenvolvimento da interdisciplinaridade, pelo fato de pegar emprestado de determinadas disciplinas teorias e instrumentos de trabalho, além da complexidade de seu objeto de pesquisa exige que se recorra simultaneamente a diversas disciplinas.³

O estudo interdisciplinar é transformador. Quando representantes de duas disciplinas se encontram e se deixam afetar um pelo outro, vivem uma experiência única. Cada um transmite ao outro características que lhe são inerentes, partilham algo de si, incorporam algo do outro e sofrem alguma mutação, de tal maneira, que saem do encontro transformados.

Para participar de um estudo interdisciplinar

os especialistas de diversas disciplinas devem estar animados de uma vontade comum e de uma boa vontade. Cada qual aceita esforçar-se fora do seu domínio e da sua própria linguagem técnica para aventurar-se num domínio de que não é proprietário exclusivo.⁴

Este encontro é positivo, quando respeitadas as especificidades de ambos. Deste modo, cada parte apreende algo da outra que a complementa, sem perder a sua própria identidade e, ao final do encontro, saem enriquecidas e melhoradas.

Acredito que o encontro entre a psicologia e a religião pode proporcionar este enriquecimento recíproco. Mantendo suas identidades, ambas podem aprender entre si muitas coisas e partilhar conhecimentos que as tornem ainda mais eficazes para responder aos problemas humanos que lhes são apresentados.

Sobre o encontro entre a psicologia e a religião, Giovanetti afirma que

o tema da espiritualidade tem sido objeto de muitos estudos, extrapolando a fronteira da teologia e exigindo outras perspectivas para melhor compreensão desse fenômeno humano. Como não poderia deixar de ser, a psicologia também se vê as voltas com esta realidade. Assim, o psicólogo, principalmente o psicólogo clínico, esbarra com esta faceta da vida humana no seu trabalho. Daí a necessidade de se buscar uma compreensão do que seja a espiritualidade, a fim de poder compreender melhor o ser humano na busca de sua ajuda profissional.⁵

³ Maria Emília MENDONÇA, *A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana*, p.142.

⁴ Georges GUSDORF, "Reflexions sur l'interdisciplinarité Bulletin de Psychologie", XLIII, p. 397 *apud* Maria Emília MENDONÇA, *A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana*, p. 145.

⁵ João Paulo GIOVANETTI, Psicologia e existencial e espiritualidade, *in* Mauro Martins AMATUZZI, *Psicologia e Espiritualidade*, p.129.

Neste sentido, a relação entre psicologia e religião pode ser de complementaridade, na qual, cada uma em sua respectiva área do saber, contribui com a outra para uma melhor compreensão da complexidade do ser humano.

Conforme este entendimento, penso que é possível uma relação harmoniosa entre a psicologia e a religião, entre a fé e a razão “*onde ambas se ajudem mutuamente, exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento*”.⁶

Do ponto de vista da direção espiritual, o conhecimento em psicologia não deve substituir a experiência religiosa, mas pode ajudar a compreendê-la e vivenciá-la melhor: “*Diante da natureza específica da vida espiritual, a psicologia não dispõe de meios adequados para substituir a direção espiritual; isto não quer dizer que não possa contribuir para ela, pois deve haver colaboração entre ambas*”.⁷

O diretor espiritual cuida de seres humanos cuja dinâmica psicológica interfere diretamente no seu modo de viver a religiosidade. Todos estes fatores precisam ser entendidos, durante a direção espiritual, para melhor compreender a pessoa do orientando e a sua experiência religiosa. Portanto, os conhecimentos em psicologia podem auxiliar o diretor espiritual a compreender estas questões, preparando e facilitando sua intervenção na vida espiritual.

Certos problemas apresentados durante a direção espiritual têm raízes no psiquismo da pessoa e, alguns problemas que poderiam constituir questões sérias do ponto de vista espiritual, não se mostram tão graves quando é levada em conta a estrutura psíquica de cada indivíduo.

O Catecismo da Igreja Católica aponta nesta direção:

para formar um justo juízo sobre a responsabilidade moral dos sujeitos e orientar a ação pastoral, dever-se-á levar em conta a imaturidade afetiva, a força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais que minoram ou deixam mesmo extremamente atenuada a culpabilidade moral.⁸

⁶ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Fé e Razão*, nº 100, p. 75.

⁷ Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, p.156

⁸ CATECISMO da Igreja Católica, nº 2352, p.609.

Neste sentido, vários autores católicos⁹ consideram que uma direção espiritual bem conduzida, além de uma adequada preparação em teologia e espiritualidade, requer conhecimentos teóricos e práticos que as ciências humanas, especialmente a psicologia, podem oferecer.

Houdek afirma que “o diretor deve estar familiarizado com algumas teorias psicológicas da personalidade e do desenvolvimento humano e conscientes dos sinais comuns de responsabilidade e maturidade humanas”.¹⁰

Szentmártoni entende que a psicologia contribui com a direção espiritual nos seguintes planos: “No plano teórico, ela ajuda a conhecer mais e melhor o orientando e proporciona condições de sucesso em sua orientação. No plano prático, pode fornecer ao diretor espiritual a aplicação pessoal de certos princípios e de certas técnicas psicoterapêuticas”.¹¹

Muitas direções espirituais incluem incursões no campo psicológico. Por exemplo, quando os diretores espirituais, aconselham e estimulam o diálogo, pois percebem que há dificuldades no relacionamento familiar. Nestes casos, e em outros, o diretor espiritual reconhece elementos psicológicos e vale-se desse reconhecimento para a compreensão do fenômeno e para oferecer orientação.

As pessoas que procuram a direção espiritual, comumente, não fazem distinção entre a dimensão espiritual e a psicológica, enxergando o diretor espiritual como alguém capacitado para resolver todos os seus problemas. O diretor espiritual precisa estar preparado para fazer essa distinção, resolver o que lhe compete e encaminhar a pessoa para um atendimento psicológico, se considerar necessário.¹²

Ante todo o exposto, acredito que o conhecimento em psicologia pode auxiliar o diretor espiritual a desempenhar sua tarefa com mais eficácia.

Por esta razão, o objetivo desta dissertação é pesquisar na psicologia, especificamente no aconselhamento psicológico, elementos psicológicos que contribuam para a prática da direção espiritual.

⁹ Cf. Frei Patrício SCIADINI, *A pedagogia da Direção Espiritual*, p.96; Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, pp.81-82; Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.131; William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, pp.139-141; Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.75

¹⁰ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*. p.132.

¹¹ Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, p.86.

¹² Cf. CONGREGAÇÃO para Educação Católica, n.14; Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.60.

Para realizar esta pesquisa, no campo da psicologia, optei pela área do aconselhamento psicológico, especificamente da abordagem centrada na pessoa, porque se apresenta como a mais propícia para este estudo, já que possui uma visão positiva do homem, e enfatiza a tendência humana ao desenvolvimento, buscando auxiliar a pessoa a se conhecer melhor e fazer suas próprias escolhas de maneira autônoma. Optei também por esta abordagem porque ela respeita a dimensão espiritual do homem.

Esta abordagem apresenta, ainda, salvaguardada suas devidas diferenças com a direção espiritual, algumas atitudes que podem ser vivenciadas pelo diretor espiritual, como por exemplo: a empatia, a aceitação positiva e a congruência.

Para iniciar esta dissertação, apresentarei o aconselhamento psicológico, na perspectiva da abordagem centrada na pessoa, caracterizando-o como uma relação de ajuda que auxilia o ser humano a conhecer melhor a si mesmo e a desenvolver-se em busca de uma vida plena.

No segundo momento, pretendo estudar a direção espiritual em uma perspectiva católica, mostrando suas principais características e particularidades, entendida como uma relação de ajuda espiritual.

Em seguida, construirei um diálogo entre o aconselhamento psicológico e a direção espiritual que possibilitará refletir sobre ambos, compreendendo suas aproximações, distanciamentos e irreducibilidades.

Após este diálogo, será possível discriminar quais elementos do aconselhamento psicológico poderão auxiliar o diretor espiritual em sua tarefa.

Ao final, espero que esta pesquisa possa contribuir para fortalecer a relação harmoniosa entre a psicologia e a religião, possibilitando um avanço nos trabalhos de direção espiritual, tornando-os mais completos e aptos a responder aos anseios do coração humano.

CAPÍTULO I - ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO

“Precisamos do outro, sem o que não seremos”.

Amatuzzi

Na literatura psicológica há uma grande diversidade de nomenclaturas empregadas para se referir às duas pessoas envolvidas no aconselhamento psicológico. Encontram-se, entre outras: cliente, paciente e aconselhado; terapeuta, psicólogo e conselheiro. Nesta dissertação, adotei conselheiro e aconselhado porque acredito que expressam melhor esta relação de ajuda e facilitam a aproximação com a direção espiritual.

1.1. Relação de ajuda

Para Rudio,¹³ o ser humano se desenvolve plenamente na medida em que se relaciona com seus semelhantes e partilha suas experiências de vida. Na solidão e no isolamento, o ser humano define e não se desenvolve. Há sempre a necessidade do encontro e da partilha com outra pessoa para que isto ocorra.

Neste sentido, Thorne e Mears afirmam que

somos esencialmente relacionales y esto, aparentemente, es una verdad que ilumina la forma de entender la humanidad y la terapia centrada en la persona. Nos necesitamos unos a otros para estar completos. Los seres relacionales necesitan relaciones para su curación. Mas aun, cuando se establece una relación en profundidad, de tal forma que, citando a Rogers “el espíritu interior sale y alcanza el espíritu interior del otro, entonces la relación entra a formar parte de algo mayor. (Rogers, 1980:129)¹⁴

A relação de ajuda, neste contexto, é compreendida como um encontro interpessoal que visa à facilitação para que o outro seja ele mesmo, e se torne ativo e responsável em suas decisões pessoais.

¹³ Cf. Franz Victor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, pp.83-89

¹⁴ Brian THORNE e Dave MEARS, *La terapia centrada en la persona hoy: Nuevos avances en la teoria y en la práctica*, pp.113-114.

Morato afirma que a “*ajuda não significa dar tudo que o outro precisa ou está buscando, mas favorecer ao outro as condições necessárias para o seu desenvolvimento*”.¹⁵

Benjamim afirma que a relação de ajuda é um ato de capacitação, caracterizado pela confiança mútua e mudança criativa e, sobretudo um relacionamento em que o conselheiro ajuda o aconselhado a “*reconhecer, sentir, saber, decidir e escolher se deve mudar*”.¹⁶

Para Rogers

relações de ajuda são as relações em que pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida.

(...)

A relação é uma situação na qual um dos participantes procura promover numa ou outra parte, ou em ambas, uma maior apreciação, uma maior expressão e uma utilização mais funcional dos recursos latentes do indivíduo.¹⁷

A relação de ajuda, neste enfoque, tem por objetivo “*dar ao indivíduo oportunidade para se conhecer como realmente é, aceitando o seu próprio processo de vida e nele se inserindo, a fim de utilizar os recursos pessoais, que as experiências lhe oferecem, para a transformação construtiva de atitudes e comportamentos*”.¹⁸

Ante o exposto, pode-se afirmar que uma relação de ajuda precisa propiciar crescimento e desenvolvimento para seus participantes. Uma relação que não ajuda o aconselhado a encontrar sua autonomia psicológica e não proporciona o seu desenvolvimento, não é relação de ajuda, mas de dependência.

1.2. Aconselhamento psicológico

O aconselhamento psicológico é uma forma específica de relação de ajuda e, é compreendido neste trabalho, na perspectiva da psicologia humanista, especificamente na abordagem centrada na pessoa, desenvolvida por Carl Rogers e seus seguidores.

¹⁵ Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.25.

¹⁶ Alfred BENJAMIM, *A entrevista de Ajuda*, p.14.

¹⁷ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.43.

¹⁸ Franz Victor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, p.18

Nesta perspectiva, Giordani define o aconselhamento psicológico como “*uma relação interpessoal na qual o conselheiro ajuda a alguém a entender e resolver problemas existenciais*”.¹⁹

Forghieri concebe o aconselhamento psicológico como

a relação entre duas ou mais pessoas, por meio de uma conversação, na qual a presença de um aconselhador torna-se existencialmente terapêutica para uma ou várias pessoas, que são os aconselhados. Constitui-se, portanto, de uma relação interpessoal que requer a presença genuína do aconselhador, manifestada por ele mediante diferentes atuações, tais como o fornecimento de informações ou esclarecimentos sobre assuntos que preocupam o aconselhando, o exame e a reflexão a respeito de situações conflitantes vivenciadas por ele e das várias perspectivas sob as quais elas podem ser consideradas; o reconhecimento e a exploração de recursos e capacidades pessoais do aconselhando no sentido de desenvolver sua própria liberdade para se confrontar com suas dificuldades do momento e procurar resolvê-las ou ultrapassá-las, ajudado inicialmente pela presença do aconselhador.²⁰

Nas definições apresentadas acima, percebe-se a centralidade do aconselhado na relação; ele é responsável em perceber as mudanças a serem feitas em sua vida, para posteriormente, executá-las.

Nesta pesquisa, entende-se o aconselhamento psicológico como uma relação de ajuda, na qual o conselheiro busca auxiliar o aconselhado a encontrar seu próprio caminho rumo a uma vida plena.

Durante o aconselhamento, o conselheiro é um auxiliar no processo, ele percebe os elementos da vida apresentados pelo aconselhado, e os devolve, para que ele possa refletir sobre os mesmos e, por sua vez, fazer o que considerar necessário.

“O outro não adere porque eu tenha produzido nele essa adesão, mas porque ele mesmo, a partir de suas forças de atualização, que têm seus próprios caminhos, pôde se abrir para algo que fala por si, e o faz a ele”.²¹

O conselheiro age no sentido de ajudar o aconselhado a “*tornar-se cada vez mais consciente de si mesmo, de seu espaço vital, de sua própria estrutura de referência*”.²²

¹⁹ Bruno GIORDANI, *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*, p. 21.

²⁰ Yolanda Cintrão FORGHIERI, *Aconselhamento Terapêutico: Origens, Fundamentos e prática*, p.1.

²¹ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.52.

²² Alfred BENJAMIM, *A entrevista de Ajuda*, p.57.

No aconselhamento psicológico, considera-se que a própria relação é curativa. Quanto mais o aconselhamento se configura como uma relação livre de pressões e aberta ao diálogo, na qual o aconselhado pode expressar-se autenticamente, mais são facilitadas mudanças positivas na sua vida, a fim de que ele se torne autêntico e autônomo.

Este processo não é individualista, porque provoca no aconselhado uma série de transformações com características muito altruístas, como um interesse maior pelos outros e a aceitação do seu semelhante.

Muitos autores²³ acreditam que este tipo de relação de ajuda pode acontecer em apenas um único encontro ou estender-se por mais encontros, desde que combinados entre conselheiro e aconselhado.

No caso de ocorrer em único encontro, muitas vezes, em regime de plantão, Mahfoud afirma que “*o trabalho do conselheiro-psicólogo é no sentido de facilitar ao cliente uma visão mais clara de si mesmo e de sua perspectiva ante a problemática que vive*”.²⁴

O encontro único, muitas vezes assume características de uma triagem e resulta em encaminhamento para um acompanhamento mais específico, de acordo com a demanda apresentada pela aconselhado. Pode indicar, também, a necessidade de um aconselhamento psicológico contínuo ou um acompanhamento psiquiátrico.²⁵ Se a demanda apresentada for de ordem religiosa pode o conselheiro encaminhar a um diretor espiritual.

1.2.1. As atitudes facilitadoras

Para que o aconselhado se desenvolva, faz-se necessária a criação de um ambiente facilitador. Para tanto, algumas atitudes do conselheiro são importantes, como a aceitação positiva, a congruência, a empatia, a escuta, o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo.

²³ Cf. Maria Luisa Sandoval SCHMIDT, “Aconselhamento psicológico: questões introdutórias” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.14; Yolanda Cintrão FORGHIERI, *Aconselhamento Terapêutico: Origens, Fundamentos e prática*, p. 127; RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, p.15; Miguel MAHFOUD, “A vivência de um desafio: plantão psicológico” in: Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.75

²⁴ *Ibid.*, p. 76.

²⁵ Cf. MAHFOUD. *Ibid.*, p.87

1.2.1.1. Aceitação positiva

Entende-se por aceitação positiva, o fato da pessoa ser acolhida com todas as suas dores e sofrimentos, sem julgamento ou condenação.

Em primeiro lugar, o conselheiro coloca-se em uma atitude de aceitação da pessoa e da sua história de vida. Ele precisa acreditar no ser humano e em suas potencialidades para o desenvolvimento, para ajudá-lo a construir um caminho eficaz e duradouro.

Aceitação positiva significa acolher incondicionalmente a pessoa que o procura, mostrando real interesse e confiança na sua vida. O conselheiro precisa acolher a história de vida da pessoa, mostrando-se um companheiro que está disposto a percorrer com ela um caminho novo. Ele precisa ajudar o aconselhado a não ficar preso aos erros do passado, mas a ter coragem de assumir as decisões do presente para construir o futuro de um jeito novo.

O conselheiro não precisa concordar ou discordar com o que o aconselhado diz, mas colocar-se ao lado dele, acolhendo e respeitando as experiências vividas, através de uma escuta dedicada, com respeito e interesse.²⁶

Para AmatuZZi durante o processo de aconselhamento pode haver discordância de posicionamentos. Segundo o autor, as diferenças devem surgir, sob pena de perda da autenticidade: *“mesmo que eu tenha de me contrapor ponto por ponto ao que o outro fala, e devo fazê-lo se quiser estar inteiramente presente e se essa presença me levar a isso. Pode haver conversação genuína entre pessoas que a respeito de algo sejam adversárias”*.²⁷

Para AmatuZZi, o aconselhamento precisa *“constituir o outro como parceiro de encontro, legitimá-lo como interlocutor de mesmo nível e não necessariamente concordar com ele”*.²⁸

O conselheiro é convidado a compreender os motivos que levaram o aconselhado a chegar até aquele momento e ajudá-lo a perceber que sempre é possível construir um novo caminho. O aconselhado precisa perceber-se acolhido, para encontrar maneiras de vencer suas dificuldades.

²⁶ Cf. Ruth SCHEEFER, *Aconselhamento Psicológico: teoria e prática*, p.60.

²⁷ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.52.

²⁸ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.53.

“O papel do aconselhador, não é passivo, pois o relacionamento é implementado ativamente pelo calor humano, sensibilidade e aceitação genuína por ele expressa”.²⁹

A relação de aceitação cria possibilidades de mudanças autênticas e duradouras.

O paciente modifica-se e reorganiza a concepção que faz de si mesmo; desvia-se de uma idéia que o torna inaceitável aos seus próprios olhos, indigno de consideração, obrigado a viver segundo as normas dos outros. Conquista progressivamente uma concepção de si mesmo como uma pessoa de valor e autônoma.³⁰

As pessoas necessitam, antes de tudo, de acolhimento, respeito e amor, para poder acreditar na possibilidade de viver de um jeito novo. Para tanto, não querem seguir uma lei imposta que não lhes faça sentido, nem ouvir uma sentença de condenação, mas buscam encontrar um amigo que lhes mostre que ainda vale a pena enfrentar a vida, e continuar buscando a felicidade.

O conselheiro que acredita no ser humano confia que o homem é essencialmente positivo e apto para se desenvolver.

Desta aceitação resulta,

uma consideração positiva para consigo, o individuo se torna para si pessoa significativa. O centro de avaliação está em si e não no outro. Deste modo, ele confia no seu organismo, tornando-se critério para si mesmo. E, assim, a tendência ao desenvolvimento pode efetivar-se, de fato, no sentido da auto-realização, autonomia e maturidade.³¹

Considerar positivamente o outro implica acreditar que cada um tem ou está em busca de sua própria rota e que esta é a sua preferência. Não há uma melhor rota para ele, senão essa, pois essa é sua e apenas sua, e como tal, é única. Há que se reencontrar o “amor deslumbrado”, força motriz do seu caminho e direção.³²

Muitos autores³³ entendem que a aceitação baseia-se no amor que deve ser dispensado a cada pessoa, condição que todo ser humano precisa para se desenvolver plenamente.

²⁹ Ruth SCHEEFER, *Teorias de Aconselhamento*, pp.56-57

³⁰ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p. 67.

³¹ Franz Victor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, p.20.

³² Marina Pacheco JORDÃO, “Reflexões de um terapeuta sobre as atitudes básicas na relação terapeuta-cliente” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.52.

³³ Cf. Carl R. ROGERS e Barry STEVENS, *De pessoa para pessoa: O problema de Ser Humano - uma nova tendência na psicologia*, p.107; Franz Victor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, p.24-25 e Brian THORNE e Dave MEARS, *La terapia centrada en la persona hoy: Nuevos avances en la teoría y en la práctica*, p.118-121; Bruno GIORDANI, *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*, p.89-90

Este amor é muito mais que um sentimento momentâneo, mas fruto de uma escolha por acreditar no outro, querer seu bem e criar condições facilitadoras para que ele possa viver em plenitude.

O amor é um gesto de acolhida, fruto de uma atitude interior do conselheiro que escolhe amar o aconselhado, porque vê nele um indivíduo em igual dignidade, e merecedor de confiança. O amor provoca transformações, pois reacende no outro a valorização de si mesmo e a força para acreditar na possibilidade de mudança.

Giordani afirma que a aceitação ajuda o aconselhado a *“descobrir o que há de positivo nele e a reconstruir a confiança em si mesmo. Vale aqui o princípio de que uma pessoa só pode estimar e amar a si mesma, se encontra alguém que a aprecie e a aceite com amor”*.³⁴

1.2.1.2. Congruência

Congruência é a escuta dos sentimentos do conselheiro e a comunicação destes ao aconselhado, se for o caso, de maneira clara e sincera. A congruência permite ao conselheiro ser autêntico e transparente com o aconselhado. Esta atitude facilita o diálogo e cria um clima de confiança na relação.

Com a palavra congruência queremos dizer que os sentimentos que o conselheiro está vivenciando são acessíveis à sua consciência, que é capaz de viver estes sentimentos, senti-los na relação e capaz de comunicá-los, se isso for adequado. Significa que entra num encontro pessoal direto com o cliente, encontrando-o de pessoa para pessoa. Significa que é ele que não se nega. Quanto mais o terapeuta é capaz de ouvir e aceitar o que ocorre em seu íntimo, e quanto mais é capaz de, sem medo, ser a complexidade de seus sentimentos, maior é o grau de sua congruência.³⁵

O conselheiro é afetado pela experiência do outro e ao viver e expressar seus sentimentos e impressões torna-se mais autêntico na relação e comunica algo mais profundo ao aconselhado.

Os dois estabelecem uma boa relação quando estão inteiros nela. A congruência é facilitadora e elemento indispensável na relação de ajuda.

³⁴ Bruno GIORDANI, *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*, p.92

³⁵ Carl R. ROGERS e Barry STEVENS, *De pessoa para pessoa: O problema de Ser Humano - uma nova tendência na psicologia*, p.105.

O conselheiro procura ser corajoso e abandonar a tentativa de querer agradar o aconselhado, sendo congruente com suas impressões e sentimentos. Do contrário, estaria criando uma relação inautêntica, dificultando o desenvolvimento do processo.

Isto não significa que o conselheiro deva dizer tudo o que pensa ao aconselhado, mas cabe a ele discernir o que precisa ser dito para o benefício do outro. O conselheiro busca dizer sempre aquilo que pensa, mas nem tudo o que ele pensa necessita ser dito.

O conselheiro possibilita ao aconselhado vislumbrar uma real possibilidade de mudança em sua vida quando ele *“é aquilo que é, quando as suas relações com o paciente são autênticas, exprimindo abertamente os sentimentos e as atitudes que nesse momento nele ocorrem”*.³⁶

Quando o aconselhado percebe que está diante de um conselheiro autenticamente presente na relação, estabelece-se um clima de confiança que possibilita o surgimento de algo novo para sua vida. Ele percebe que pode ser autêntico também, que não precisa ter medo de expressar o que realmente vive e está sentindo.

Quanto mais o paciente captar o terapeuta como uma pessoa verdadeira ou autêntica, capaz de empatia, tendo em relação a si um respeito incondicional, tanto mais ele se afastará de um modo de funcionamento estático, fixo, insensível e impessoal, e se encaminhará no sentido de um funcionamento marcado por uma experiência fluida, em mudança e plenamente receptiva.³⁷

Por outro lado, a ausência de congruência dificulta ou rompe o clima de confiança e, dificilmente, o aconselhado conseguirá prosseguir na relação. Havendo uma incompatibilidade muito grande entre conselheiro e aconselhado, o indicado é que a relação não prossiga, porque será prejudicial para ambos.

A atitude congruente do conselheiro provoca no aconselhado uma atitude de aceitação de si mesmo e, na medida em que o aconselhado passa a ouvir e respeitar seus sentimentos, a mudança se torna possível.

Finalmente, ao ouvir com amor atenção os sentimentos interiores, com menos espírito de avaliação e mais aceitação de si mesmo, encaminha-se também para uma maior congruência. Descobre que é possível abandonar a fachada atrás da qual se escondia, que é possível pôr de lado os comportamentos de defesa e ser de uma maneira mais aberta o que na verdade é. À medida que estas transformações vão se operando, torna-se mais consciente de si, se aceita melhor, adota uma atitude menos defensiva e

³⁶ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.63.

³⁷ *Ibid.*, p.68

mais aberta, descobre que afinal é livre para se modificar e para crescer nas direções naturais do organismo humano.³⁸

1.2.1.3. Empatia

A empatia é a possibilidade de compreender o outro a partir dele mesmo: “o aconselhador continuamente procura compreender as experiências e as vivências do aconselhando, tentando perceber o mundo fenomenológico do aconselhando como ele o percebe, e expressa a sua compreensão de maneira empática”.³⁹

Rogers define empatia como “a capacidade de perceber o quadro de referência interno do outro com precisão e com os componentes e significados emocionais que a ele pertencem, como se aquele que percebe fosse a outra pessoa, mas sem jamais perder a condição do ‘como se’”.⁴⁰

Rogers frisa “o como se fosse”, porque o conselheiro não toma sobre si a vida do outro. Ele sente com o aconselhado, mas não se identifica com este sentimento, pois seria muito prejudicial para ele e para o processo de aconselhamento.

Há uma metodologia fenomenológica neste tipo de aconselhamento, pois o conselheiro é convidado a colocar entre parênteses seus julgamentos pessoais e entender o cliente a partir da sua própria experiência e vivenciar com ele a problemática trazida durante o aconselhamento, ou seja, a necessidade de um despojamento e suspensão de julgamento para entrar em contato com o outro, captando-o, reconhecendo-o e comunicando-se.⁴¹

O modo de relacionar-se é fundamental durante o processo de aconselhamento, pois quando há a compreensão empática abrem-se as portas para um real processo de mudança.

O conselheiro coloca entre parênteses seu quadro interno de referências para deixar-se afetar pelo que o outro lhe apresenta. A partir daí, ouve e compreende o que esta experiência quer dizer e quais os seus significados, ajudando o aconselhado a aumentar o grau de percepção sobre sua vida, de modo a fazer suas opções e escolhas rumo ao desenvolvimento.

³⁸ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.66.

³⁹ Ruth SCHEEFER, *Teorias de Aconselhamento*, p.57

⁴⁰ Carl R. ROGERS e Barry STEVENS, *De pessoa para pessoa: O problema de Ser Humano - uma nova tendência na psicologia*, p.107.

⁴¹ Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.36.

“Se alguém compreende como isto me faz sentir e parecer eu, sem procurar analisar-me ou julgar-me, então eu posso abrir-me e desenvolver-me neste clima acolhedor”.⁴² Empatia significa enxergar com os olhos do outro, auxiliando-o a entender e assumir sua própria história.

A atitude empática não é fácil de ser vivenciada na relação de ajuda, mas precisa ser desenvolvida. Muitas vezes, o conselheiro ao buscar se colocar em condições de compreender empaticamente o seu aconselhado, precisa estar atento aos rótulos ou preconceitos que possam surgir ao longo do diálogo, para poder deixá-los de lado.

A compreensão empática, ensina Benjamim, é

a mais significativa, embora simultaneamente a mais difícil. Trata-se de compreender com a outra pessoa. É necessário deixar tudo de lado, menos nosso senso comum de humanidade, e somente com ele tentar compreender com a outra pessoa como ela pensa, sente e vê o mundo ao seu redor. Significa nos livrarmos de nossa estrutura interna de referência, e adotar a do outro. A questão é não é discordar ou concordar com ele, mas compreender o que é ser com ele.⁴³

No mesmo sentido Forghieri:

O cliente necessita da presença viva do terapeuta, e esta acontece quando o profissional consegue deixar entre parênteses ou fora de ação todos os conhecimentos que adquiriu nos compêndios científicos. Estes ficam como o fundo da figura concreta, primordial, que é a sua humanidade. De forma direta, ou subliminarmente, o cliente deixa transparecer um pedido sob a forma de indignação, não como um curioso que pede uma resposta e sim como um ser humano, esperando ser olhado e ouvido por outro ser humano, semelhante a ele. O terapeuta é chamado para o vínculo de comunhão.⁴⁴

Quando o conselheiro consegue agir assim e compreende os significados da experiência para o aconselhado a mudança começa a acontecer porque é a própria vida do aconselhado e suas experiências que vão indicando o melhor caminho para prosseguir.

O desafio imediato é ouvir a vida tal como ela se manifesta ali em sua frente e para ele. Além de ouvir, o que ele pode fazer e deve fazer é responder autenticamente e nos limites que a situação lhe impõe, ou seja, os de uma relação cujo foco é o outro que lhe procura, seja ele um indivíduo ou um grupo. Tudo o mais já não lhe pertence. Mas, se entendemos o que significa ouvir e responder, isso é muito. E, se pensamos na relação sem adjetivos, isso é tudo.⁴⁵

⁴² Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p. 65

⁴³ Alfred BENJAMIM, *A entrevista de Ajuda*, p.67.

⁴⁴ Yolanda Cintrão FORGHIERI, *Aconselhamento Terapêutico: Origens, Fundamentos e prática*, p.117.

⁴⁵ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.184.

Para AmatuZZi “*a compreensão é terapêutica e não a explicação*”,⁴⁶ ou seja, quanto mais o aconselhamento se configura como uma relação autêntica, em que as duas partes agem de modo livre e transparente, na qual o conselheiro consegue compreender empaticamente o aconselhado, segundo o quadro interno de referências deste último, o processo de mudança está em curso e produz frutos.

1.2.1.4. Escuta

Saber ouvir é condição indispensável para o estabelecimento de uma compreensão empática. Para entender o mundo do aconselhado e seu quadro interno de referências, o conselheiro precisa estar disposto a uma escuta sincera e interessada.

A escuta valoriza o aconselhado e o ajuda a falar e a expressar-se livremente. Saber ouvir significa perceber toda a comunicação expressa pelo aconselhado, não só através das palavras proferidas, mas também através das nuances da fala, do tom de voz e de suas mudanças, do silêncio e de todas as formas de comunicação manifestadas através da postura e dos gestos corporais.

Escutar o aconselhado significa estar presente na relação, inteirando-se da vida do aconselhado para poder ser um com ele e, ajudá-lo em sua busca de desenvolvimento.

Neste aspecto, Benjamim⁴⁷ afirma que, durante o aconselhamento, é interessante evitar interrupções da fala do aconselhado, pois isto pode parecer falta de interesse na relação. É preciso deixá-lo falar a seu modo e a seu ritmo e o conselheiro precisa estar interessado e atento ao que é comunicado.

O que se pode fazer por uma pessoa que está tentando se comunicar, mesmo que no momento não sinta sucesso de seu empreendimento, é basicamente ouvi-la. Receber suas formulações, por mais tentativas que sejam, sem parcializar ou introduzir esquemas de escuta, é o que permite o fluxo expressivo e, com ele, o aprofundamento (pelo próprio cliente) em direção a maior expressividade.⁴⁸

⁴⁶ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.33

⁴⁷ Cf. Alfred BENJAMIM, *A entrevista de Ajuda*, p. 68 -70

⁴⁸ Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.171.

1.2.1.5. Envolvimento existencial e distanciamento reflexivo

A congruência, a atitude empática e a escuta atenta convidam o conselheiro a dois movimentos, que muitas vezes se sobrepõem, durante o aconselhamento: o envolvimento existencial e o distanciamento reflexivo.

No envolvimento existencial, o conselheiro se aproxima da vida do outro, de maneira sincera e empática, acolhendo sua história de vida e levando em conta tudo que é relatado. Este movimento é fundamental no aconselhamento psicológico, pois permite entender o outro a partir dele mesmo, e faz com que o conselheiro, ao entender a experiência do outro, possa ajudá-lo melhor.

Assim define Forghieri:

No envolvimento existencial o terapeuta procura colocar ‘entre parênteses’, ou fora de ação, as teorias, os conhecimentos, conceitos e preconceitos que tiver a respeito do ser humano, para tentar perceber o cliente tal qual se revela para ele... Consiste em um exercício de amar as pessoas.⁴⁹

O cuidado a ser tomado é o de não se identificar com o problema do outro. É preciso, no entanto, saber ganhar distância para não se identificar com a pessoa e seus problemas. “*No distanciamento reflexivo o terapeuta procura, de certo modo, diminuir o seu envolvimento com o cliente, para captar os significados e conhecimentos que são revelados*”.⁵⁰ O distanciamento reflexivo permite perceber o outro, refletir e utilizar recursos para ajudá-lo.

Este processo visa aumentar no aconselhado seu grau de percepção a respeito de sua própria vida. Alargando seu quadro interno de referências, ele entra em contato com quem realmente é, e pode se tornar mais integrado e responsável.

Ao longo do processo de aconselhamento, o conselheiro pode se utilizar de algumas interpretações existenciais para alargar este campo perceptivo do aconselhado, “*que consistem em procurar mostrar ao cliente outras perspectivas e significados sob os quais determinadas vivências dele podem ser consideradas*”.⁵¹ Se existir rejeição por parte do aconselhado, estas hipóteses devem ser retiradas em definitivo ou apresentadas em outro momento, sempre respeitando a vontade do aconselhado.

⁴⁹ Yolanda Cintrão FORGHIERI, *Aconselhamento Terapêutico: Origens, Fundamentos e prática*, p.116.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ *Ibid.*, p.118.

1.2.2. A pessoa do conselheiro

Juntamente com estas atitudes, alguns autores apontam características dos conselheiros que são importantes para o processo de aconselhamento.

1.2.2.1. Maturidade psicoafetiva

A vida e a presença do conselheiro influenciam a vida do aconselhado. Se há um equilíbrio em sua vida, isto repercutirá na relação de ajuda.

A relação de ajuda ótima é o tipo de relação criada por uma pessoa psicologicamente madura. Por outras palavras, a minha capacidade de criar relações que facilitem o crescimento do outro, como uma pessoa independente, mede-se pelo desenvolvimento que eu próprio atingi.⁵²

Afirma Giordani,

Solo si el terapeuta tiene una suficiente madurez psico afectiva llegará a promover y acompañar el proceso de transformación que el cliente va efectuando en si mismo. El terapeuta que no goce de esta madurez es fácilmente empujado por su inseguridad hacia lo nuevo y lo desconocido y a imponer una línea de cambio modelada sobre su propia experiencia.⁵³

É importante que o conselheiro procure desenvolver o seu equilíbrio interior, buscando maturidade psicológica, para evitar identificações com o problema do aconselhado e até mesmo suprir carências pessoais durante a relação de ajuda.

Afirma Camargo: *“Se não tiver um bom conhecimento de si, de suas incoerências, de seus medos e inseguranças, não poderá estar disponível para perceber seu mundo e o do seu cliente”*.⁵⁴

É a maturidade afetiva do conselheiro que permitirá o desenvolvimento das atitudes necessárias para o bom desempenho de seu trabalho: a congruência, a empatia, a aceitação positiva, a escuta, o envolvimento afetivo e o necessário distanciamento reflexivo.

⁵² Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.59

⁵³ Bruno GIORDANI, *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*, p.97.

⁵⁴ Ismênia de CAMARGO, “A formação do conselheiro” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.58.

1.2.2.2. Formação teórica

Além de uma maturidade psicoafetiva, o conselheiro necessita de bons conhecimentos sobre o psiquismo humano, adquiridos através de formação e estudos permanentes. Ele precisa se basear em conceitos e formulações teóricas para ajudar com competência a pessoa que o procura.

Ensina Benjamim: *“essencialmente, trazemos nosso conhecimento, experiência, habilidade profissional, as informações que possuímos e os recursos a nossa disposição. Além disso, trazemos a nós mesmos, nosso desejo de sermos úteis”*.⁵⁵

A falta de preparo nesta área pode causar vários danos. *“De fato, entrar no campo de profundidade da reorganização da personalidade, sem que para isso se tenha preparo, é colocar em risco o cliente e levar o aconselhador a situações difíceis e embaraçosas”*.⁵⁶

A formação teórica é

fundamental para que o conselheiro possa se localizar dentro de um sistema de referenciais e refletir constantemente o que pretende fazer. O conselheiro precisa, pois, de uma teoria. Mesmo não sendo formal ou axiomática, ela representaria a estrutura básica de seu relacionamento com o mundo e de suas conseqüentes atitudes. Portanto, a teoria não pode referir-se apenas ao nível intelectual. Tem que se internalizada, fazendo parte do mundo interior do conselheiro.⁵⁷

1.2.2.3. Prática Profissional

O terceiro elemento é a competência na prática profissional. A experiência vai lapidando o conselheiro e a prática fornece elementos que respondem melhor às exigências do aconselhamento, e ensinam a lidar com as mais diferentes situações que surgem durante o aconselhamento psicológico.

O conselheiro poderá se enriquecer com todas as estratégias e conhecimentos, *“mas é através da prática que ele se conhecerá e possibilitará ao outro se conhecer”*.⁵⁸

Para Camargo, a formação do conselheiro *“baseia-se no tripé: teoria; prática (sem a qual se correria o risco de falar sobre relação de ajuda sem vivenciá-la); crescimento pessoal (que proporciona sempre um melhor conhecimento de si)”*.⁵⁹

⁵⁵ Alfred BENJAMIM, *A entrevista de Ajuda*, p.60

⁵⁶ Franz Vitor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, p.16.

⁵⁷ Ismênia de CAMARGO, “A formação do conselheiro” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.53-54

⁵⁸ *Ibid.*, p.54

1.3. Aconselhamento psicológico: rumo à vida autônoma e responsável

Todo o processo de aconselhamento psicológico tem por objetivo permitir que o aconselhado possa atingir um grau de autonomia psicológica que lhe permita fazer suas próprias escolhas, sentindo-se livre para vivenciar com responsabilidade todas as experiências que a vida lhe proporcionar.

Para tanto, faz-se necessário que o aconselhamento psicológico possibilite um ambiente facilitador para que as potencialidades inatas ao desenvolvimento, presentes no ser humano, possam se desenvolver sem impedimentos.

Tal processo, fluido e livre, é denominado por Rogers de “*vida plena*”.⁶⁰ Neste processo o homem aprende a ouvir a si mesmo e percebe, com mais clareza, seus sentimentos interiores que o impulsionam a tomar as decisões que considera melhores para si.

A autonomia psicológica implica em algumas dificuldades e riscos, mas possibilita ao próprio aconselhado tornar-se protagonista da sua história, construindo e caminhando pela própria estrada. A este movimento de autonomia psicológica Rogers chama de “*direção de si*”.⁶¹

Para AmatuZZi, o aconselhamento psicológico auxilia na busca da autenticidade, definida pelo autor como “*um estado de integração da pessoa, no qual, somente, seu potencial se encontra mais plenamente liberado para atuar*”.⁶²

Deste modo, o ser humano tem a possibilidade de viver plenamente, para ser tudo que pode ser e para desenvolver e atualizar suas capacidades inatas e positivas. Deste processo, nasce no ser humano a alegria da liberdade interior e a confiança em si mesmo, na própria experiência e na vida.

Este processo implica a expansão e a maturação de todas as potencialidades de uma pessoa. Implica a coragem de ser. Significa que se mergulha em cheio na corrente da vida. E, no entanto, o que há de mais profundamente apaixonante em relação aos seres humanos é que, quando o indivíduo se torna livre interiormente, escolhe esta vida plena como processo de transformação.⁶³

⁵⁹ Ismênia de CAMARGO, “A formação do conselheiro” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.54.

⁶⁰ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.163.

⁶¹ *Ibid.*, p.150.

⁶² Mauro Martins AMATUZZI, *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*, p.96.

⁶³ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.174.

CAPÍTULO II - DIREÇÃO ESPIRITUAL

“Ninguém se salva sozinho”.

Bento XVI

Ao longo da revisão bibliográfica feita sobre a direção espiritual na religião Católica, nota-se que não há um manual ou uma única forma de se fazer direção espiritual, pois cada autor a apresenta a partir da sua experiência e da sua prática.

Este capítulo é fruto de pesquisa e elaboração pessoal acerca do tema e, não tem a intenção de apresentar a direção espiritual como algo pronto e acabado, mesmo porque toda relação de ajuda é única e precisa ser construída a partir dos anseios e necessidades vivenciadas no momento concreto em que a relação está acontecendo.

Neste sentido, este capítulo é uma compilação de conhecimentos sobre direção espiritual, com o objetivo de facilitar a compreensão deste tipo de relação de ajuda espiritual.

Na Igreja Católica existem três tipos de relação de ajuda espiritual: direção espiritual, aconselhamento pastoral e confissão.

A direção espiritual é uma relação de ajuda estabelecida entre diretor e orientando, que visa construir um caminho de crescimento espiritual duradouro, sem um término determinado.

O aconselhamento pastoral também é uma relação de ajuda, mas não possui um caráter contínuo e duradouro e, visa auxiliar na resolução de algumas demandas específicas, trazidas pelo aconselhado. Solucionado o interesse do aconselhado, encerra-se o aconselhamento. Este tipo de relação de ajuda pode ocorrer em um único encontro ou mais, não ultrapassando dez.⁶⁴

A direção espiritual e o aconselhamento pastoral podem ser exercidos por pessoas idôneas e preparadas pela comunidade, não havendo necessidade de ser um sacerdote ordenado pela Igreja Católica.⁶⁵

⁶⁴ Cf. Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, p.76.

⁶⁵ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, n.2690, p.690; Rebeca J. LAIRD, *Como encontrar um diretor espiritual*, pp. 200-202; William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.129.

Por sua vez, a confissão possui um caráter sacramental e só pode ser realizada por um sacerdote, devidamente ordenado pela Igreja Católica. Ocorre em um único encontro, no qual o penitente conta seus pecados ao sacerdote e recebe ao final, o perdão de Deus.⁶⁶

A prática da direção espiritual é muito antiga na Igreja Católica. O aconselhamento é uma prática pastoral mais recente que surgiu a partir das necessidades dos fiéis, que não buscavam a confissão, nem uma direção espiritual contínua, mas uma ajuda momentânea para alguma demanda específica.

A direção espiritual e o aconselhamento pastoral não envolvem diretamente o sacramento da confissão. No entanto, quando realizados por um sacerdote, o sacramento pode ser celebrado.

A confissão obriga o sacerdote ao sigilo, sob pena de excomunhão.⁶⁷ O sacerdote que celebra o sacramento da confissão não pode fazer alusão ao pecado, sequer, com o próprio penitente.

A direção espiritual e o aconselhamento pastoral não exigem o dever de sigilo como na confissão, mas pedem um sigilo ético. Para Szentmártoni

não se trata do segredo de confissão, como algumas vezes os clientes pedem ao sacerdote. A diferença está no fato de que o segredo da confissão vincula o sacerdote também no futuro em relação ao próprio penitente, enquanto o consultor pastoral deve fazer referência aos diálogos anteriores periodicamente.⁶⁸

2.1. Direção espiritual

Antes de tudo, vale dizer que embora o termo “direção” indique um tipo de relação que implica na definição de uma única orientação a ser seguida, com um caráter muitas vezes coercitivo, isto não corresponde à realidade desta relação de ajuda espiritual.

Em primeiro lugar, o termo “direção” é utilizado em função da sua historicidade e tradição, haja vista que este tipo de relação de ajuda existe na Igreja Católica, com a mesma nomenclatura, há muitos séculos.

⁶⁶ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, nº 1422-1498, pp.391-411.

⁶⁷ Cf. CÓDIGO de Direito Canônico, c.1388.

⁶⁸ Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, p. 71

Esta relação de ajuda não assume um papel coercitivo, porque nada é imposto ao orientando. O diretor espiritual apresenta a mensagem cristã e suas implicações, mas é o próprio orientando que assume as suas decisões, sempre num clima de amizade e respeito.

Barry e Connolly definem a direção espiritual como: *“a ajuda dada por um cristão a outro, que capacita este outro a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a aumentar sua intimidade com Deus e a viver as consequências desse relacionamento”*.⁶⁹

Outra definição é apresentada por Sciadini: *“Ajudar os outros a encontrar-se consigo mesmo, com os outros e com Deus para ter uma vida humana e espiritual de qualidade”*.⁷⁰

Existem outras formas de compreender a direção espiritual. Nesta dissertação compreende-se a direção espiritual como uma relação de ajuda espiritual, à luz da fé em Jesus Cristo, entre diretor espiritual e orientando, na qual o primeiro auxilia o segundo a perscrutar, nas suas experiências de vida, os sinais de Deus, para melhorar o seu relacionamento consigo mesmo, com os outros e com Deus.

O texto bíblico extraído de Samuel 3,3-10.19 ilustra este tipo de relação de ajuda espiritual e elucida muitas particularidades da direção espiritual.

Naqueles dias, Samuel estava dormindo no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. Então o Senhor chamou: Samuel, Samuel! Ele respondeu: Estou aqui. E correu para junto de Eli e disse: Tu me chamaste, aqui estou. Eli respondeu: eu não te chamei. Volta a dormir! E ele foi deitar-se. O Senhor chamou de novo: Samuel, Samuel. E Samuel levantou-se e foi ter com Eli: Tu me chamaste, aqui estou. Eli respondeu: Não te chamei meu filho. Volta a dormir!

Samuel ainda não conhecia o Senhor, pois, até então, a palavra do Senhor não se lhe tinha manifestado.

O Senhor chamou pela terceira vez: Samuel, Samuel. Ele levantou-se, foi para junto de Eli e disse: Tu me chamaste, aqui estou. Eli compreendeu que era o Senhor que estava chamando o menino. Então disse a Samuel: Volta a deitar-te e, se alguém te chamar, responderás: Senhor, fala que teu servo escuta. E Samuel voltou ao seu lugar para dormir. O Senhor veio, pôs-se junto dele e chamou-o como das outras vezes; Samuel, Samuel. E ele respondeu: Fala, que teu servo escuta. Samuel crescia e o Senhor estava com ele. E não deixava cair por terra nenhuma de suas palavras.

Para o catolicismo, Deus vem ao encontro do ser humano, a todo instante, manifestando-se nas suas experiências concretas e cotidianas, para estabelecer com ele uma relação de comunhão.

⁶⁹ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.22.

⁷⁰ Frei Patrício SCIADINI, *A pedagogia da Direção Espiritual*, p.14.

*“Cada pessoa, homem ou mulher, encontra Deus em sua própria experiência, quer essa experiência ocorra comunitariamente num culto litúrgico, quer na companhia de uma ou duas outras pessoas, ou a sós.”*⁷¹

Observando com atenção as experiências cotidianas é possível encontrar os sinais da transcendência e perceber a ação de Deus na vida do homem. Deus fala através das experiências de vida, como falou através da vida de Samuel.

Na medida em que a pessoa entra em contato com suas experiências, olhando-as a partir da fé, percebe a presença de Deus e sente-se motivada a viver de um jeito novo.

Todavia, esta fé não nasce por conta própria, precisa ser apresentada, ensinada e partilhada.

A fé é um ato pessoal: a resposta livre do homem à iniciativa de Deus que se revela. Ela não é, porém, um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, assim como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, assim como ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros.⁷²

Ninguém consegue se salvar sozinho⁷³, e é muito difícil perscrutar os sinais de Deus de maneira solitária. Na passagem bíblica de Samuel isto fica claro. Deus fala, mas Samuel não consegue discernir o autor da voz. Precisou recorrer a alguém, com mais experiência no caminho espiritual, para auxiliá-lo. Foi necessário que alguém lhe apresentasse o Senhor e o orientasse a responder ao seu chamado.

Eli desempenhou o papel de diretor espiritual na vida de Samuel. Auxiliou-o a discernir a voz de Deus em seu coração e encorajou-o a responder positivamente ao convite feito por Deus.

Deus faz convites todos os dias e fala constantemente em muitos momentos da vida. É preciso mergulhar nas próprias experiências para perceber sua voz. Faz-se necessária a humildade de Samuel, que reconheceu que não podia tudo sozinho e aceitou a orientação de um amigo na fé. O diretor espiritual busca auxiliar nesta caminhada com Deus.

⁷¹ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p 31

⁷² CATECISMO da Igreja Católica, n. 166, p.55.

⁷³ Cf. BENTO XVI, *Carta Encíclica sobre a esperança cristã*, nº 48.

2.1.1. Fé: elemento fundamental na relação de direção espiritual

A fé é um elemento fundamental na experiência de direção espiritual. As coisas que são ditas e as experiências que são narradas, durante os encontros de direção espiritual, são compreendidas à luz de Cristo e da Tradição da Igreja Católica e, vivenciadas interiormente e críveis pela fé.

A própria definição de fé que a Bíblia apresenta afirma: *“fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê.”* (Hb,11 -1). *“É um testemunho interior das coisas invisíveis”*.⁷⁴

A fé determina a chave de leitura para compreender os fenômenos narrados durante todo o processo de direção espiritual. Quando diretor e orientando interpretam fatos cotidianos como sinais divinos, estão atribuindo valores pessoais e subjetivos e evocando sua experiência de fé para explicá-los. Se não há fé, não há experiência espiritual e, conseqüentemente, não há como se falar em direção espiritual.

Tanto o diretor espiritual quanto o orientando partem da fé, ou seja, de um universo comum de crenças e valores que ampara toda a relação de ajuda espiritual. Na direção espiritual, há momentos em que diretor e orientando convergem para aquilo que crêm pela fé, mesmo sem ter uma prova empírica disto.

Para a Igreja Católica, a fé possui um caráter subjetivo e só pode ser assumida livremente, nunca por coação ou imposição. *“Por conseguinte, ninguém deve ser forçado contra sua vontade a abraçar a fé. Pois o ato de fé é por sua natureza voluntário. Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo algum coagiu”*.⁷⁵

Todavia, quem escolhe livremente a fé precisa conhecê-la, saber suas implicações e praticá-la, pois *“a fé sem obras é morta”*(Tg2,26). O catolicismo acredita que a fé cristã possui um conteúdo específico e comunitário, que foi revelado por Jesus Cristo e confiado à Igreja Católica.⁷⁶ Sendo assim, na direção espiritual católica, os parâmetros para compreensão dos fenômenos religiosos são encontrados na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja.

⁷⁴ Comentário da BÍBLIA SAGRADA, p.1535

⁷⁵ CATECISMO da Igreja Católica, nº 160, p.53.

⁷⁶ Cf. CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM, nº 7-12, pp.125-131.

2.2. O diretor espiritual

Na Igreja Católica não existe um ministério instituído de diretor espiritual. Usualmente, a direção espiritual é praticada por sacerdotes em função de sua preparação pastoral e teológica, mas para exercê-la não é necessário ser sacerdote. Homens e mulheres, leigos ou religiosos, devidamente preparados e confirmados pela comunidade, podem exercer esta missão junto aos seus irmãos. A história da Igreja Católica está repleta de exemplos de diretores espirituais: São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena e Santa Teresa D' Ávila.

Para perceber Deus na vida dos outros, primeiramente, é necessário que Ele faça parte da vida do diretor espiritual. Uma das condições mais importantes para o exercício dessa função é ser uma pessoa de fé. O diretor espiritual precisa ter familiaridade e intimidade com Deus para poder reconhecê-lo na vida do outro.

O diretor espiritual comunica aquilo que possui e só mostra Deus ao outro, se já o conhece na sua vida diária. Só um homem, enamorado por Deus, é capaz de conduzir outros corações para o amor Dele.⁷⁷

A comunicação de Deus, na relação de direção espiritual, ocorre por “transbordamento interior”, isto é, a experiência pessoal do diretor espiritual com o amor de Deus precisa ser tão intensa e verdadeira que ultrapasse seu ser, até chegar à vida do outro como doação, pode-se dizer, como um verdadeiro transbordamento de amor. Barry e Conolly chamam esta experiência de “*excedente de calor*”.⁷⁸

Madre Teresa de Calcutá aconselhava assim: “*continue dando Jesus ao seu povo não pelas palavras, mas pelo seu exemplo – por estar enamorado de Jesus – por irradiar a santidade Dele e espalhar Sua fragrância de amor onde quer que o senhor vá*”.⁷⁹

Todavia, para exercer esta tarefa de direção espiritual, não basta o estado de enamoramento por Deus, é necessário possuir um dom divino. Não basta simplesmente enriquecer-se com técnicas ou estudos, é necessário, primeiramente, ser chamado e capacitado por Deus para reconhecer sua ação na vida dos outros.⁸⁰

⁷⁷ Cf. Renato CORTI, Moioli GIOVANNI e Luigi SERENTHÁ, *A direção espiritual hoje: Discernimento cristão e comunicação interpessoal*, p.85; Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, pp. 134-135

⁷⁸ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.134.

⁷⁹ Madre TERESA DE CALCUTÁ, “Carta de madre Teresa para o padre Don Kribs”, in Brian KOLODIEJCHUK, *Madre Teresa venha, seja minha luz*, p.281.

⁸⁰ Cf. William BARRY, *A direção espiritual e o encontro com Deus: Uma indagação teológica*, pp.114-115; Szentmártoni, 2006 p100

Houdek afirma que a direção espiritual é um “*dom espiritual, verdadeiro carisma, concedido pelo Espírito de Deus para o crescimento e o progresso do Reino de Deus. Sem dúvida, habilidades, técnicas e destrezas aprendidas facilitam esse dom, mas não o substituem.*”⁸¹

O Catecismo da Igreja Católica afirma: “*O Espírito Santo dá a certos fiéis dons de sabedoria, de fé e de discernimento em vista do bem comum que é a oração (direção espiritual). Aqueles e aquelas que têm esses dons são verdadeiros servidores da tradição viva da oração.*”⁸²

Para reconhecer este dom, em primeiro lugar, é necessária a percepção do próprio escolhido acerca deste chamado e sua aceitação e, posteriormente, a confirmação da comunidade de fé da qual participa.

O dom para a direção espiritual precisa estar acompanhado de algumas características importantes:

experiência de vida; conhecimento de um Deus Salvador, mas que desafia a pessoa a mudar; hábito de leitura da Bíblia como fonte de oração; conhecimento do verdadeiro Deus e da Fé da Igreja; sólido conhecimento de teologia; estudo da história da espiritualidade; familiaridade com a psicologia.⁸³

2.2.1. Acompanhamento e supervisão

O diretor espiritual, ele mesmo, necessita de direção espiritual constante, para manter viva sua experiência com Deus e continuar evoluindo no caminho da santidade. Quanto mais evolui, mais se torna preparado para auxiliar outras pessoas a fazer suas experiências de fé.

“*Pode um cego guiar outro cego? Não cairão ambos na cova?*” (Lc. 6,39). Se o diretor não conhece o caminho do Senhor e não está devidamente preparado, não poderá auxiliar outra pessoa a percorrer este caminho.

Outra necessidade apresentada por vários autores é a supervisão.

A supervisão não se destina a ser apenas um exercício intelectual sem nenhuma relação com o verdadeiro ministério. Antes, envolve um estudo intensivo sobre a direção que se está fazendo. Leva ao exame de atitudes, projeções, ansiedades e medos experimentados no relacionamento de direção espiritual.⁸⁴

⁸¹ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.129.

⁸² CATECISMO da Igreja Católica, nº 2690, p.690.

⁸³ Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, p.100.

⁸⁴ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.135.

Isto pode ocorrer individualmente ou em grupo, para diretores iniciantes e experientes.⁸⁵

2.3. Objetivos da direção espiritual

Toda ação evangelizadora da Igreja Católica tem como prioridade “*tornar presente Deus neste mundo e abrir aos homens o acesso a Deus*”.⁸⁶

Portanto, o encontro de direção espiritual é visto como um meio de anunciar o Evangelho de Cristo e tem como objetivo maior facilitar ao orientando um encontro mais profundo com Deus.

Com este escopo primeiro, o processo de direção espiritual possui quatro objetivos específicos: teografia, mistagogia, educação da consciência e nova vida em Cristo.

2.3.1. Teografia e Mistagogia

A teografia é uma espécie de ajuda que uma pessoa presta a outra para entender a escrita de Deus feita ao longo de sua vida, percebendo a ação do amor de Deus na sua história pessoal. A mistagogia é a capacidade que uma pessoa possui para ensinar outra a fazer uma experiência pessoal com o mistério de Deus.

De fato, Deus escreve em cada coração uma história de amor: “*Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tabuas de pedra, mas em tabuas de carne, isto é, em vossos corações*” (II Cor. 3,3.)

O diretor espiritual precisa tornar-se um teógrafo para perceber a história de amor que Deus escreve em cada coração e, um mistagogo para ensinar o orientando a mergulhar, através das suas experiências, no mistério de Deus.⁸⁷

⁸⁵ Cf. William BARRY, *A direção espiritual e o encontro com Deus: Uma indagação teológica*, p 118

⁸⁶ BENTO XVI, *Carta do Papa sobre a remissão da excomunhão aos bispos ordenados por Dom Lefebvre*.

⁸⁷ Cf. Ulpiano Vasquez MORO, *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*, pp.10-11.

Como teógrafo e mistagogo, o diretor espiritual ajuda quem o procura a perceber e localizar em sua vida os sinais da presença de Deus, a descobrir e tornar mais consciente na história da experiência espiritual de cada pessoa a maneira pela qual é encaminhada por Deus, ou a maneira segundo a qual Deus, que pelo Espírito Santo revelou seu mistério na história de Jesus Cristo, se manifesta na história do dirigido. A atenção do diretor deve estar voltada para essas duas histórias e para a progressiva fusão de seus dois horizontes.⁸⁸

O resultado da leitura espiritual da própria experiência e de seu confronto com a palavra de Deus acabara conduzindo a pessoa a se perguntar sobre o sentido que deverá dar a própria experiência, isto é, em termos do que tem feito, do que faz e do que deve fazer da própria vida e da própria liberdade.⁸⁹

Ser teógrafo e mistagogo implica reconhecer que o verdadeiro diretor espiritual é o Espírito Santo, é ele quem sonda e conhece o coração humano mais profundamente. “*Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas*” (Jo 14,26). É preciso permitir que o Espírito de Deus tenha livre acesso ao coração do orientando, para levar a termo seu plano de amor e salvação.

A direção espiritual é obra do Espírito de Deus que guia o espírito humano em direção para Deus. O papel do diretor espiritual é o de colaborador. O diretor colabora com o orientando e com o Espírito de Deus para descobrir avaliar e incentivar a direção iniciada pelo amoroso e sempre presente Espírito de Deus.⁹⁰

Neste sentido, a direção ocorre a três pessoas, o orientando, o diretor e o Espírito Santo. “*A direção espiritual é o caminho e a comunicação onde tomam parte a pessoa que se empenha pela santidade, a pessoa que o ajuda a progredir, e o Espírito Santo, que dirige efetivamente*”.⁹¹

2.3.2. Educação da consciência

A concepção de consciência para o catolicismo assume particularidades específicas que se diferenciam das concepções psicológicas. Uma distinção clara desta diferença é o fato da Igreja Católica defini-la como “*consciência moral*”.⁹²

⁸⁸ Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, pp.163-164

⁸⁹ *Ibid.*, p.163.

⁹⁰ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p18.

⁹¹ Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade Cristã*, p.157.

⁹² JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica O Esplendor da Verdade*, p.89

Para o catolicismo, a consciência moral possui um papel fundamental na vida humana. É através dela que o homem percebe a vontade de Deus e se torna capaz de segui-lo.

Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-o sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei lhe soa no coração: faz o bem e evita o mal. De fato o homem tem uma lei escrita por Deus em seu coração. Obedecer a ela é a própria dignidade do homem. A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz. Pela consciência se descobre, de modo admirável, aquela lei que se cumpre no amor de Deus e do próximo.⁹³

Mas nem sempre a percepção desta “voz interior” é clara.

Os preceitos da lei natural não são percebidos por todos de maneira clara e inconfundível. Na atual situação, a graça e a revelação nos são necessárias, como pecadores que somos, para que as verdades religiosas e morais possam ser conhecidas por todos e sem dificuldade, com firmeza e sem mistura de erro.⁹⁴

Muitas vezes, algumas pessoas atribuem a Deus vontades próprias e objetivos pessoais que supõem perceber através da voz interior. Neste sentido, afirmam Barry e Connolly:

A tradição cristã suspeita também da autenticidade da oração mística, quando o místico se recusa a ouvir qualquer outra voz que não seja a própria voz interior. Experiências religiosas autênticas voltam-se para uma unidade entre indivíduos e comunidades e levam à abertura a outras vozes, especialmente à voz da autoridade legítima da Igreja.⁹⁵

Tudo que é percebido através da voz interior precisa estar em consonância com a sagrada Escritura e a Tradição, fontes da revelação divina, para que se possa reconhecer como correspondido efetivamente à voz de Deus. “*A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só sagrado depósito da palavra de Deus confiado à Igreja*”.⁹⁶

Neste sentido, uma tarefa fundamental dentro da direção espiritual católica é a “*educação da consciência*”, que significa mostrar ao orientando a Palavra de Deus e suas implicações, levando ao seu conhecimento a Tradição cristã católica e seus principais ensinamentos, mas sempre respeitando a maturidade do orientando, suas experiências de fé e toda a sua história de vida.

⁹³ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, n° 16, p.157.

⁹⁴ CATECISMO da Igreja Católica, n° 1960, p.518.

⁹⁵ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.123.

⁹⁶ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM, n° 10, p.127.

Giordani chama este processo de “orientar para a verdade” .⁹⁷ O orientando tem o direito de ser instruído sobre os conteúdos da mensagem cristã e todas as implicações para sua vida.

Giordani afirma que existem dois modos de dirigir: informante e estruturante. Quando o diretor vale-se do modo informante, ele apresenta ao orientando possibilidades e “exerce um influxo em despertar e potencializar determinados valores”,⁹⁸ permitindo que o orientando possa fazer suas próprias escolhas e tomar as atitudes que considerar necessárias.

Na segunda maneira, estruturante, o diretor “atua como especialista, ou seja, propondo explicitamente e insistindo em determinados valores, ou seja, colocando frente a frente o ponto de vista do indivíduo com seu próprio, exercendo uma pressão moral direta.”⁹⁹

Na presente dissertação, a direção espiritual é entendida no seu modo informante, no qual, o diretor informa e partilha suas convicções, sem impô-las, deixando à livre escolha do orientando a assimilação e a aceitação do que é proposto.

A educação da consciência é uma tarefa de toda a vida. Uma educação prudente ensina a virtude, preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos sentimentos de culpabilidade e dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas”. Este processo “garante a liberdade e gera a paz no coração.”¹⁰⁰

2.3.3. Nova vida em Cristo

A direção espiritual visa favorecer um encontro pessoal com Jesus Cristo. Quanto maior for o grau de amizade e intimidade com o Senhor, mais frutuosa será a direção espiritual. A comunhão com Cristo não significa uma adesão a uma idéia, mas um relacionamento afetivo de profunda amizade: “Se não o tinham compreendido ainda, por que o seguiam? Porque Cristo tinha se tornado seu centro afetivo”.¹⁰¹

A comunhão com Cristo, mais do que uma simples sintonia intelectual ou afetiva comum à idéia, uma causa, uma utopia, é a experiência do fato de uma associação e participação pessoais, afetivas e efetivas, no mistério de sua pessoa e do seu destino; sua fé, sua esperança e seu amor na entrega de sua vida ao Pai e aos seres humanos se tornam nossa fé, nossa esperança e nosso amor.¹⁰²

⁹⁷ Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.107-108

⁹⁸ *Ibid.*, p.104

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ CATECISMO da Igreja Católica, 1993, n.1784, p.482

¹⁰¹ Luigi GIUSSANI, *O caminho para verdade é uma experiência*, p.103.

¹⁰² Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade*, p.160.

Para o catolicismo, quanto mais próximo do Coração de Deus o ser humano estiver, por meio de uma amizade livre e sincera com Cristo, mais ele perceberá o amor de Deus por ele, tornando-se mais disposto a amar o seu semelhante.

O diretor espiritual parte do princípio de que a experiência com Cristo dá um novo sentido à vida do cristão, de tal maneira, que ele não se contenta com uma vida medíocre e mesquinha, mas passa a querer viver de um jeito novo, porque toda a sua vida vai sendo influenciada por este amor de Deus.

A busca por esta novidade de vida em Cristo é entendida pela Igreja Católica como a vocação universal à santidade. *“Todos os fiéis cristãos, de qualquer estado ou ordem, são chamados a plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade”*.¹⁰³

O diretor espiritual sabe que buscar a santidade como meta da vida espiritual não significa que o orientando se tornará perfeito, mas que ele poderá escolher o amor como caminho de vida, buscando a cada dia melhorar o seu relacionamento com Deus, consigo mesmo e com outros.

Para o diretor espiritual, o encontro com Cristo é um ato de capacitação que permite ao orientando encontrar uma nova força para assumir sua vida e vivê-la de um jeito novo. *“Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo”* (II Cor, 5,17).

2.4. O processo de direção espiritual

Os encontros de direção espiritual não assumem uma forma padronizada, pois cada pessoa é única, com necessidades e anseios singulares. Esta singularidade é levada em conta durante o processo de direção espiritual, o que leva o diretor espiritual a lidar diferentemente com cada orientando, considerando o seu grau de intimidade com Deus e a sua maturidade psicológica.

Santo Inácio de Loyola oferece um pouco de sabedoria prática: “não há erro maior nem maior mal que orientar os outros tal como se orientasse a si mesmo”. Ele quis deixar claro que não há dois indivíduos que se beneficiem do mesmo tipo de orientação, porque Deus lida com cada um de maneira singular, específica e apropriada. Assim, para o diretor, reconhecer a realidade subjetiva, pessoal e única do indivíduo é sempre mais importante que identificar tipos reconhecíveis ou processos previsíveis de crescimento espiritual. O diretor deve estar aberto às diferenças existentes entre os

¹⁰³ CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, n° 40, p.87.

orientandos, mas ser livre o bastante para se arriscar a entrar na singularidade pessoal de outrem.¹⁰⁴

O processo de direção espiritual é eficaz na medida em que o orientando escolhe Deus livremente, sentindo-se confiante para percorrer sua própria estrada. A direção espiritual precisa ocorrer através de um diálogo livre e aberto, em “clima não-hierárquico”,¹⁰⁵ para possibilitar frutos de conversão eficazes e duradouros na vida do orientando.

Esta posição se baseia nos relacionamentos que Jesus estabeleceu ao longo de sua vida. Ele não impunha, nem obrigava, apenas convidava e apresentava sua mensagem e deixava a cargo do interlocutor a aceitação. A aceitação livre gera compromisso de vida, enquanto que a imposição gera incerteza e insegurança.

*“Acompanhar não significa impor um itinerário a uma pessoa, nem conhecer a direção que ela vai tomar, mas caminhar ao seu lado. Todo trabalho consiste em ajudar a pessoa a descobrir seu caminho no Espírito”.*¹⁰⁶

A direção espiritual é um processo contínuo. Usualmente, o orientando toma a iniciativa de procurar o diretor espiritual para iniciar a relação de ajuda espiritual. Não há um prazo estipulado para o término, embora cada parte seja livre para terminar a relação no momento que achar conveniente.¹⁰⁷

Os primeiros encontros são muito importantes para estabelecer o que Barry e Conolly chamam de “aliança de trabalho”¹⁰⁸, ou seja, acordar as condições que serão observadas ao longo do processo, como a periodicidade dos encontros, o local, horário e tudo que considerarem necessário estabelecer para o bom andamento da direção espiritual.

Antes de estabelecer a aliança de trabalho, diretor e orientando são convidados a refletir sobre a viabilidade para iniciar o processo de direção espiritual. Por motivações pessoais e não havendo possibilidades, não convém estabelecer a aliança de trabalho.

Nos primeiros encontros, é conveniente fazer uma triagem para definir se é possível um trabalho em direção espiritual, ou se é necessário um encaminhamento para algum outro tipo de auxílio, como o psicológico ou psiquiátrico, ou mesmo realizar um trabalho

¹⁰⁴ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.23.

¹⁰⁵ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.130.

¹⁰⁶ Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade*, p.162.

¹⁰⁷ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.25.

¹⁰⁸ William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.147.

simultâneo entre um atendimento psicológico e a direção espiritual, cada qual com seu profissional competente.¹⁰⁹

Os primeiros encontros podem ocorrer semanalmente. Depois de estabelecida a aliança de trabalho, o mais indicado é que eles se tornem quinzenais ou no máximo mensais,¹¹⁰ e que não passem de uma hora, salvo em casos excepcionais.

2.4.1. Elementos essenciais na direção espiritual

Alguns elementos são fundamentais, para que exista uma maior eficácia durante o processo de direção espiritual.

Acolhida. O diretor espiritual precisa criar um ambiente acolhedor e favorável para que o orientando sinta-se livre para ser autêntico, sem restrições e nem medos. Sem um bom acolhimento inicial toda a direção espiritual fica comprometida.

Escuta. Muitas vezes o encontro se resume em um monólogo, no qual o orientando fala e o diretor escuta. Ao falar da própria experiência, o orientando encontra alento e consolo, pois “*expressar é sempre esclarecer a si mesmo*”.¹¹¹ Ao mesmo tempo, sabe que está sendo ouvido por alguém que presta atenção à sua vida.

A escuta permite que o outro se estruture: é falando que alguém se apropria de sua existência; para que o apelo de Deus possa crescer e produzir frutos. A função de ajuda começa pela atenção às palavras do dirigido, pela escuta; esta atitude atenta e respeitosa é uma atitude de fé na ação de Deus que se revela através das palavras do dirigido.¹¹²

Confiança. É importante que haja confiança entre as pessoas envolvidas nesta relação que vai sendo adquirida ao longo do tempo.

O diretor espiritual inspira confiança quando respeita a vontade do orientando, é autêntico e mostra uma coerência entre sua fala e a sua prática de vida. Por outro lado, o orientando desperta a confiança do diretor quando demonstra interesse sincero pela direção espiritual e, na medida em que é autêntico.

¹⁰⁹ Cf. Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciona*, pp. 25-26.

¹¹⁰ Cf. Frei Patrício SCIADINI, *O que é, como se faz direção espiritual*, p.82 ; Rebeca J. LAIRD, *Como encontrar um diretor espiritual*, p.202.

¹¹¹ Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, p.60

¹¹² Danilo MONDONI, *Teologia da Espiritualidade*, pp.160-161.

O testemunho de vida estabelece um sentimento de confiança na relação, quanto mais coerente for a relação entre as palavras e a vida, maior será a autoridade do discurso e conseqüentemente, maior será a confiança durante a relação de direção espiritual.

Liberdade. É importante que tanto o diretor espiritual quanto o orientando tenham liberdade para dizer o que pensam e para se mostrar autenticamente. O diretor espiritual precisa expressar sua opinião, apontar os limites necessários, mas nunca impor ou esperar uma adesão cega por parte do orientando, que, por sua vez, tem que ser livre para ouvir e aceitar as orientações que parecerem úteis a sua vida.

Solitude. Solitude é o processo de estar a sós com Deus. Não significa estar solitário, mas estar a sós na presença de Deus, para ouvi-lo e manter com Ele uma relação de profunda intimidade.

Para praticar a solitude, devemos reservar um tempo regular para nos aquietar física e espiritualmente. Este é um momento de oração sem palavras, através de leituras sagradas, seguidas por um espaço aberto para ouvir a voz de Deus ou sentir a presença de Deus ou um chamado para esperar.¹¹³

Caridade. O amor é condição fundamental em qualquer relação cristã e é virtude indispensável na direção espiritual. O diretor espiritual se dispõe a auxiliar o orientando com uma atitude de amor. O diretor precisa amá-lo, querer seu bem, sua felicidade, de maneira sincera e gratuita e olhar para o orientando como um irmão que, naquele momento concreto, procura sua ajuda.

2.4.2. Movimentos da direção espiritual

Houdek apresenta alguns movimentos que ocorrem durante o processo de direção espiritual.¹¹⁴ Não se tratam de passos obrigatórios a serem seguidos em toda a prática de direção espiritual, pois o diretor é convidado a percorrer com seu orientando a trajetória que melhor convier a cada situação concreta.

¹¹³ Henri NOUWEN, *Direção espiritual: Sabedoria para o caminho da fé*, p.146.

¹¹⁴ Cf. Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, pp.43-48.

2.4.2.1. Percepção de Deus na vida cotidiana

Durante os encontros, os orientandos narram suas vidas, suas experiências cotidianas, sonhos e esperanças, os fatos que são vividos naquele momento e suas experiências atuais.

Através do diálogo, com o auxílio do diretor espiritual, começam a perceber a ação de Deus ao longo desta história, como Deus fala através daquelas experiências e, assim, percebem a presença amorosa de Deus ao seu lado. Com o tempo, uma nova experiência vai surgindo, conforme a pessoa percebe a presença do amor de Deus em sua vida, as mudanças começam a ocorrer.

Novas percepções surgem de encontros, de leituras, da beleza da natureza, de uma celebração que toque fundo a pessoa, de ocasiões de conflito ou crise pessoal. A verdade ou presença da realidade misteriosa é clara e exigente. Fé, Espírito, mistério ou amor tocam profundamente e movem a pessoa. O orientando percebe que Deus pode ser levado a sério. A pergunta agora é : o que eu faço com tudo isso?¹¹⁵

2.4.2.2. Apropriação das manifestações de Deus

Este movimento sugere a contemplação e a aceitação por parte do orientando das novas percepções de Deus em sua vida. Ele aceita que a vida transcorreu este percurso e apropria-se de tudo aquilo que percebeu sobre a ação de Deus em sua vida.

Apropriar-se dos acontecimentos que causaram a percepção da dimensão misteriosa da vida. Esclarecer e procurar o sentido interior da experiência torna-a parte da história e da personalidade do orientando, que reflete sobre os fatos, examina as inferências, descobre padrões de sentidos, aprecia afetos profundos e evoca coragem para assumir o compromisso. Aqui a pessoa encontra o Espírito de Deus com reverência e seriedade reflexiva.¹¹⁶

Surge a pergunta: o que Deus quer para minha vida? A partir deste momento, a história pode ser reescrita de um jeito novo.

¹¹⁵ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.45.

¹¹⁶ *Ibid.*, p.46.

2.4.2.3 Compromisso com Deus

Em outro momento, o diretor é convidado a discernir juntamente com o orientando a voz de Deus na vida dele e auxiliá-lo a escolher os passos concretos que quer dar para progredir no caminho de amor com o Senhor.

O verdadeiro desafio é ajustar a vida a esse novo compromisso. Valores, necessidades, relações e trabalho têm de ser ajustados radicalmente para se harmonizarem com a qualidade de experiência de conversão. A reflexão crítica, necessária em todas as dimensões da vida, substitui a espontaneidade impensada.¹¹⁷

2.4.2.4. Acompanhamento permanente

O diretor espiritual precisa estar à disposição para que o orientando o procure sempre que precisar. O diretor é convidado a caminhar ao lado do orientando, para auxiliá-lo a continuar percebendo a ação amorosa de Deus em sua vida.

2.4.3. Transferência e contratransferência

Para alguns autores,¹¹⁸ os fenômenos da transferência e contratransferência precisam ser evitados durante o processo de direção espiritual, pois podem prejudicar toda a relação de ajuda espiritual.

Para Houdek ocorre a transferência quando “*o orientando liga ou transfere ao diretor imagens, sentimentos, lembranças e experiências que pouco ou nada tem a ver com ele*”.¹¹⁹ Por sua vez, contratransferência ocorre quando estas imagens são transferidas ao orientando por parte do diretor.

Estes fenômenos atrapalham o processo de direção porque deslocam do centro da relação, o encontro do orientando com Deus. Nestes casos, o diretor ou até mesmo o

¹¹⁷ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.47.

¹¹⁸ Cf. Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, pp.95-98; Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.146-152; William BARRY e William CONNOLLY, *A prática da direção espiritual*, p.162-180.

¹¹⁹ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.147.

orientando podem se tornar o objetivo do encontro, desvirtuando o caráter transcendental da direção espiritual.

Szentmártoni aponta algumas maneiras para lidar com este problema: reduzir a frequência dos encontros e tornar o fenômeno explícito, fazendo com o orientando uma abordagem direta sobre o problema.¹²⁰

2.5. Frutos da direção espiritual

Pode-se dizer que uma relação de direção espiritual é frutuosa, não quando se fala sobre Deus, mas quando Ele fala aos corações.

A avaliação da direção espiritual se dá através da vida do orientando, quando ele está mais feliz, mais próximo dos outros, de Deus e de si mesmo são sinais de que a direção espiritual está no caminho certo.

O crescimento das virtudes, na vida do orientando, também é sinal claro da ação de Deus. O aumento das virtudes teologais da fé, esperança e caridade, que são dons de Deus, àqueles que buscam viver segundo o seu Espírito, são fortes indícios de que a direção espiritual está gerando bons frutos.

Conforme a caminhada espiritual é construída, o orientando percebe o aumento da sua fé e passa a confiar mais em Deus e no seu amor, tornando-se mais otimista, confiando num futuro melhor e na possibilidade de viver de um jeito novo, pois Deus é Pai e está à frente de tudo. Ele passa a acreditar mais na vida e em tudo o que a Divina Providência vai lhe proporcionar, pois sabe que a esperança não decepciona.

O orientando percebe-se mais amado por Deus e sente a necessidade de comunicar isto aos outros, tornando-se mais altruísta e preocupado com as necessidades das outras pessoas.

O altruísmo é, sem dúvida, sinal de crescimento no orientando. Acarreta percepção nova ou aprofundada dos outros, sensibilidade às realidades dos outros seres humanos e concentração nessa realidade. Assinala a mudança do egocentrismo para a percepção dos outros e consideração positiva por eles.¹²¹

¹²⁰ Cf. Mihály SZENTMÁRTONI, *Caminhar juntos: Psicologia pastoral*, pp.98-99.

¹²¹ Frank J. HOUDEK, *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*, p.146.

A carta de São Paulo aos Gálatas aponta os frutos do Espírito que acompanham todo aquele que cresce na vida espiritual: *“caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura e temperança”* (Gl 5,22).

Enfim, *“a direção espiritual deve fazer crescer uma pessoa que assume Jesus Cristo, a Igreja e a vida concreta de cada dia, que tem uma identidade cristã e social no ambiente em que vive, tornando-se assim fermento de transformação¹²²”*.

¹²² Frei Patrício SCIADINI, *O que é, como se faz direção espiritual*, p.119.

CAPÍTULO III - DIÁLOGO ENTRE O ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO E A DIREÇÃO ESPIRITUAL

“A força mais poderosa do universo é o amor”.

Rogers

“Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor”.

(I Jo 4,8)

A primeira tarefa que se mostra necessária ao relacionar o aconselhamento psicológico e a direção espiritual é esclarecer a visão de homem em que cada uma delas se baseia. Através do conhecimento da visão de homem, contida em cada uma dessas relações de ajuda, será possível compreender melhor no que elas se aproximam e no que se distanciam.

Portanto, o objeto deste capítulo será a comparação entre as visões de homem contidas no aconselhamento psicológico e na direção espiritual católica, apontando suas semelhanças, diferenças, irredutibilidades e suas principais implicações para a prática da direção espiritual.

A visão de homem subjacente à direção espiritual na religião católica e aquela presente na abordagem centrada na pessoa não são absolutamente distintas, mas possuem diferenças consideráveis e, em muitos aspectos, se aproximam.

3.1. Visão de homem para a abordagem centrada na pessoa

A proposta rogeriana baseia-se em uma visão de homem específica. Para Rogers o ser humano é essencialmente positivo e apto para atingir, com suas próprias forças, o seu desenvolvimento.¹²³

Um dos conceitos mais revolucionários que se destacam da nossa experiência clínica foi o reconhecimento progressivo de que o centro mais íntimo da natureza humana, as camadas mais profundas da sua personalidade, a base da sua natureza animal, tudo isso é naturalmente positivo, fundamentalmente sociabilizado, dirigido para diante, racional e realista.¹²⁴

¹²³ Cf. Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, pp.165-174.

¹²⁴ *Ibid.*, p.91

A abordagem centrada na pessoa acredita que o homem possui uma tendência inata ao desenvolvimento.

Rogers expressa sua crença no homem como um organismo vivo, global, com capacidade de crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades próprias. Tal processo é inato e admitido como tendência atualizadora, ou seja, direcionado para o crescimento. Acredito que para Rogers essa tendência atualizadora seja o próprio sentido de vida, de existência e de caráter evolutivo.¹²⁵

Todas as forças que o homem precisa, para atingir a plenitude de seu desenvolvimento, se encontram nele. Faz-se necessário, então, que o aconselhamento psicológico crie condições para que o aconselhado possa tomar consciência delas e passe a usá-las em benefício próprio.

Num ambiente facilitador, o homem encontra as condições necessárias para que suas potencialidades ao desenvolvimento se atualizem, possibilitando que a sua vida possa seguir seu caminho natural rumo à plenitude, haja vista que a natureza humana é entendida como *“algo fluido: uma tendência para crescer, um movimento de sair de si, um projetar-se, um devir, um incessante tornar-se, um contínuo processo de vir a ser”*.¹²⁶

Em suma, o homem é bom e apto a atingir, atualizando suas próprias potencialidades, o desenvolvimento e a vida plena que almeja.

3.2. Visão de homem para a Igreja Católica

Para a religião católica, Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança.¹²⁷ No momento da criação, o ser humano gozava da santidade original, possuía uma comunhão plena com o Criador e não estava sujeito à morte e aos sofrimentos do mundo.¹²⁸ O homem tinha o pleno domínio de si mesmo e *“estava intacto e ordenado em todo seu ser”*.¹²⁹

¹²⁵ Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.37.

¹²⁶ Elias BOAINAIN JR., *Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers*, p.34

¹²⁷ Cf. Gn,1, 26-31

¹²⁸ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, n° 376, p.108.

¹²⁹ *Ibid.*, n° 377, p.108

O pecado original rompeu esta comunhão inicial e afetou a natureza humana. Embora o homem continuasse a ser imagem e semelhança do criador, possuindo o desejo e a capacidade de Deus, sua natureza ficou marcada com uma inclinação ao pecado, chamada de concupiscência.¹³⁰

A vinda de Jesus Cristo restabeleceu a comunhão com o Deus. Sua morte e ressurreição apagaram o pecado original, mas não retiraram do homem as conseqüências deste pecado.

O Batismo, ao conferir a vida da graça de Cristo, apaga o pecado original e torna a voltar o homem para Deus, porém as conseqüências de tal pecado original sobre a natureza, enfraquecida e inclinada ao mal, permanecem no homem e o incitam ao combate espiritual.¹³¹

Portanto, todo cristão é convidado a agir corretamente e praticar o bem.¹³² O homem é novamente capaz de atingir a felicidade almejada, mas só alcançará isto com muito esforço aliado à graça de Deus.

Uma luta árdua contra o poder das trevas perpassa a história universal da humanidade. Iniciada desde a origem do mundo, vai durar até o último dia, segundo as palavras do Senhor. Inserido nesta batalha, o homem deve lutar sempre para aderir ao bem; mas não consegue alcançar a unidade interior senão com grandes labutas e o auxílio da graça de Deus.¹³³

Mais ainda, o homem possui o desejo de Deus e, não pode ser feliz enquanto não saciá-lo. Nas palavras de Santo Agostinho: *“Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”*.¹³⁴

Para Bittencourt, a visão de homem presente no catolicismo é otimista, porque

não receia dizer que houve uma queda original e que carregamos as conseqüências desta queda; mas ela afirma a existência de uma Providência Divina, que, respeitando o livre jogo da vontade humana e suas conseqüências, não permite as quedas senão a fim de fazê-las servir a maiores bens. Todo homem que toma consciência disto, concebe a grande preocupação de ser incondicionalmente fiel a Deus; só Ele pode fazer da ignomínia glória, e da morte vida.¹³⁵

¹³⁰ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, n° 405, p.115

¹³¹ Ibid.

¹³² Ibid. n° 1709, p.468

¹³³ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, n° 37, p.180.

¹³⁴ SANTO AGOSTINHO, Confissões, p.15.

¹³⁵ Pe. Estevão Tavares BETTENCOURT, Curso por correspondência: *Curso de Antropologia Teológica (criação e pecado)*, p.200.

Comparando estas duas visões, percebem-se algumas semelhanças, mas também diferenças consideráveis.

Assemelham-se quando compreendem a natureza humana de maneira positiva. Para as duas compreensões o homem é intrinsecamente bom. No aconselhamento esta bondade está ligada à essência do ser humano, a sua natureza. Para o catolicismo esta bondade é originária da criação. O homem é bom porque foi criado por Deus que é o Sumo Bem.

Todavia, a visão católica apresenta uma diferença considerável em relação à visão da abordagem centrada na pessoa, a inclinação ao pecado.

Para o catolicismo, mesmo mantendo sua essência positiva e seu livre arbítrio, o homem tem sua natureza marcada por uma desordem interior que o incita ao pecado.¹³⁶ As próprias palavras de São Paulo atestam isto: “*Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero*”.(*Rm 7,19*).

Por esta razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Bem, mais ainda. O homem se encontra incapaz, por si mesmo, de debelar eficazmente os ataques do mal.¹³⁷

Para a abordagem centrada na pessoa, o homem busca o bem e alcança-o por conta própria, na medida em que vive em um ambiente propício a este desenvolvimento.

Todavia, esta tendência ao desenvolvimento não acontece da mesma maneira em todos os indivíduos, varia de acordo com cada pessoa e com a interação com o meio.¹³⁸

Uma coisa é a capacidade que ele realmente possui e, outra, é o exercício desta capacidade. Para que se efetive a capacidade de compreender e resolver problemas, o homem necessita como condição imprescindível, de um clima permissivo, onde tenha liberdade experiencial para as elaborações interiores convenientes.¹³⁹

Para o catolicismo, nem sempre é o ambiente que facilita ou prejudica o desenvolvimento humano. Muitas vezes, ele é alcançado através de um esforço do homem em saber lidar com todos seus desejos e inclinações que nem sempre o conduzem para o caminho do bem.

¹³⁶ CF. Johan AUER e Joseph RATZINGER, *Curso de Teologia Dogmática: Tomo III El mundo creación de Dios*, pp. 602-641.

¹³⁷ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, nº 13, p.155.

¹³⁸ Cf. Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p. 38

¹³⁹ Carl R. Rogers, *Tornar-se Pessoa*, p.77.

Para o catolicismo, o homem, sem o auxílio de Deus, não vive plenamente. Ele quer o bem, mas nem sempre consegue buscá-lo e, sem Deus é quase impossível alcançá-lo.

Para a abordagem centrada na pessoa, a vida humana é um fluxo contínuo para o bem e para o desenvolvimento. Para o catolicismo, a vida humana se apresenta como uma luta, indubitavelmente vitoriosa em Cristo, conquistada através do esforço e do auxílio da graça de Deus.

3.3. Dimensão espiritual e psicológica

Um aspecto que se destaca ao refletir sobre o diálogo entre a direção espiritual e o aconselhamento psicológico é o modo de considerar a dimensão espiritual do ser humano.

Para o Catolicismo, o homem possui uma realidade ontológica de cunho espiritual, marcada por Deus, que transcende a dimensão psicológica.

O homem excede a universalidade das coisas. Ele penetra nesta intimidade profunda quando se volta ao seu coração, onde o espera Deus, que perscruta os corações. Deste modo, reconhecendo em si mesmo a alma espiritual e imortal, o homem, atinge a própria profundidade da realidade.¹⁴⁰

Pelo batismo, o católico torna-se templo vivo do Espírito Santo, possuindo uma marca espiritual indelével em seu coração. O homem não caminha sozinho, Deus está nele e o acompanha em todos os momentos da sua vida. Esta presença de Deus, em seu coração, norteia toda a sua vida.¹⁴¹

No aconselhamento psicológico, a dimensão espiritual do ser humano não é considerada como objeto da psicologia. Não há uma oposição em relação a ela, mas a dimensão espiritual do homem não é trabalhada pelo aconselhamento psicológico, que volta sua atenção para a dimensão psicológica.

¹⁴⁰ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, nº 14, p.156.

¹⁴¹ João Paulo II ao explicar o significado do termo coração para o catolicismo afirma que “a categoria do ‘coração’ é, em certo sentido, o equivalente à subjetividade pessoal”. *Homem e mulher o criou : catequeses sobre o amor humano*, p.227.

Farris afirma que “o aconselhamento psicológico não começa com a pressuposição da existência de um universo moral, ou de um Deus. Considerando que Deus não é um fenômeno observável, a convicção em Deus não pode ser parte das pressuposições fundamentais da disciplina”.¹⁴²

Sendo assim, o psicólogo não concentra sua atenção em afirmar ou negar a existência de Deus, mas em considerar os significados da experiência religiosa para a vida do homem.

Neste sentido, Aletti afirma que

a psicologia, por sua vez, pode reconhecer na mente de quem acredita, somente, a “marca” invisível de Deus, não da realidade daquele que deixa a marca no homem, ou seja, Deus. Cabe a psicologia acessar os significados e valores psicológicos dos símbolos, crenças e ritos religiosos. Entretanto, o objetivo da pesquisa em psicologia não é verificar a existência da graça de Deus, nem reconhecê-la na obra do homem, nem ao contrário, ver na conduta humana a ação do demônio. Isso que transcende a observação empírica não pode ser para a psicologia nem objeto de indagação, nem critério de explicação do comportamento humano. Mas, o psicólogo não pode prescindir da condição subjetiva daquele que acredita: e isto é, do fato, relevante, de que Deus opera nele e que esta convicção orienta também sua relação com Deus, e seu modo de ser religioso.¹⁴³

Também é importante frisar que Rogers não descartou a existência da dimensão espiritual no ser humano, até valorizou-a, mas deixou claro que pertencia “ao terreno do místico”. “Tenho a certeza de que nossas experiências terapêuticas e grupais lidam com o transcendente, o indescritível, o espiritual”¹⁴⁴ e prossegue: “Estas experiências transcendentais, indescritíveis, inesperadas e transformadoras são concomitantes à abordagem centrada na pessoa”.¹⁴⁵

Para Thorne e Mears,¹⁴⁶ a abordagem centrada na pessoa não exclui a possibilidade de uma dimensão espiritual na vida do ser humano, mas não a abarca porque não pertence a sua área de atuação, fazendo parte de outro campo da experiência, o mistério, que ultrapassa o limite do psicológico.

¹⁴² James Reaves FARRIS, *Aconselhamento psicólogo e espiritualidade*, in Mauro Martins AMATUZZI (Org.), *Psicologia e Espiritualidade*, p.163.

¹⁴³ Mário ALETTI, “Processi psicologici e accompagnamento spirituale: specificità e interazioni” in F. G. BRAMBILLA, M. ALETTI, M. I. ANGELINI, A. MONTANARI, *Accompagnamento spirituale e Intervento Psicologico: interpretazioni*, p.19 (tradução do autor).

¹⁴⁴ Carl R. ROGERS, *Um jeito de ser*, p.48.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 49

¹⁴⁶ Cf. Brian THORNE e Dave MEARS, *La terapia centrada en la persona hoy: Nuevos avances en la teoría y en la práctica*, pp. 112-122

Farris afirma que

a questão fundamental não é o conteúdo, mas o significado da espiritualidade, ou dos valores e símbolos. Porém, isso requer sensibilidade, criatividade e flexibilidade por parte do psicólogo, porque pode ser muito difícil ir além dos limites de nossos próprios universos simbólicos e entrar no mundo do cliente.¹⁴⁷

Por outro lado, muitos autores católicos,¹⁴⁸ que tratam da espiritualidade, reconhecem a importância da dimensão psicológica presente no ser humano, afirmando que é necessário reconhecê-la e cuidá-la para ter uma experiência de fé amadurecida.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma:

na pastoral sejam suficientemente conhecidos e usados não somente os princípios teológicos, mas também as descobertas das ciências profanas, sobretudo da psicologia e da sociologia, de tal modo que também os fieis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida.¹⁴⁹

Gamarra afirma que

dentro da cultura atual não se pode esquecer que o homem tende ao aperfeiçoamento na totalidade de seus componentes; e entre todos eles, se destacam os psicológicos”. O processo de vida cristã “conta hoje com um interesse especial por seu momento bio-psíquico. E a espiritualidade cristã não é estranha ao tema da psicologia.¹⁵⁰

Giordani afirma que “o homem busca a Deus a partir da situação existencial em que está imerso”,¹⁵¹ sendo necessário não só reconhecer a dimensão psicológica na vida humana, mas cuidá-la, porque ela exerce influências na própria experiência religiosa.

Nesta perspectiva, sobre o exercício da direção espiritual católica, Giordani afirma que “uma direção espiritual bem conduzida, além de uma adequada preparação em teologia e espiritualidade, requer, atualmente, conhecimentos teóricos e práticos que só as ciências humanas podem oferecer”.¹⁵²

¹⁴⁷ James Reaves FARRIS, *Aconselhamento psicólogo e espiritualidade*, in Mauro Martins AMATUZZI (Org.), *Psicologia e Espiritualidade*, p.171

¹⁴⁸ Cf. André Charles BERNARD, *Introdução à Teologia Espiritual*, p.77-88, Saturnino GAMARRA, *Teología Espiritual*, p.258; Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.52-62, Frei Patrício SCIADINI, *A pedagogia da Direção Espiritual*, p.362.

¹⁴⁹ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, nº 62, p.214.

¹⁵⁰ Saturnino GAMARRA, *Teología Espiritual*, p.258

¹⁵¹ Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.52

¹⁵² *Ibid.*, p.62.

Ante o exposto, é importante dizer que as duas dimensões, espiritual e psicológica, não se opõem, porque abarcam áreas distintas da experiência humana, mas se inter-relacionam. Portanto, é descabido entender que uma dimensão exclui a outra. Pelo contrário, respeitadas as diferenças, pode se configurar uma relação de complementaridade entre elas, na qual, cada uma em sua respectiva área de atuação, pode auxiliar o ser humano a cuidar da sua vida de um modo mais abrangente.

Todavia, deve-se tomar o cuidado para evitar a confusão entre as duas dimensões, ou seja, os reducionismos.

Em primeiro lugar, é preciso evitar o “psicologismo” que é a tentativa de explicar todos os fenômenos humanos, inclusive as experiências religiosas, através de conceitos psicológicos.

Farris afirma que é necessário

reconsiderar a redução da “religião”, ou da “espiritualidade”, a uma neurose, um mecanismo de defesa, ou um comportamento de adaptação socialmente aprendido. A religião pode funcionar de maneira neurótica. Mas também pode expressar um processo maduro e bem integrado da busca, ou construção de significado.¹⁵³

Em documento recente, a Congregação para a educação católica apontou o perigo da ocorrência do psicologismo na direção espiritual, afirmando que

a direção espiritual não pode, de modo algum, ser confundida com formas de análise ou de auxílio psicológico, nem ser por elas substituída, e que a vida espiritual favorece por si mesma o crescimento das virtudes humanas, caso não haja bloqueios de natureza psicológica.¹⁵⁴

Por outro lado, é preciso evitar a redução de todos os fenômenos humanos ao campo da experiência religiosa.¹⁵⁵ Certos problemas narrados durante a direção espiritual são de natureza psicológica e precisam ser tratados por um profissional habilitado nesta área.

¹⁵³ James Reaves FARRIS, *Aconselhamento psicólogo e espiritualidade*, in Mauro Martins AMATUZZI (Org.), *Psicologia e Espiritualidade*, p.171.

¹⁵⁴ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, nº 14.

¹⁵⁵ Cf. Bruno GIORDANI, *Encuentro de Ayuda Espiritual*, p.52; Saturnino GAMARRA, *Teología Espiritual*, p.260.

A Igreja Católica aponta nesta direção: “o diretor espiritual, a fim de esclarecer dúvidas difíceis de serem resolvidas de outra maneira, pode ver-se na contingência de sugerir, sem nunca impor, uma consulta psicológica para proceder com maior segurança no discernimento e no acompanhamento espiritual”.¹⁵⁶

Estes dois movimentos reducionistas enxergam o homem de maneira parcial, não correspondendo à visão global e unificada que tanto a psicologia humanista quanto a religião católica buscam.

Ante todo o exposto, é válido afirmar que o ser humano é dotado de algumas dimensões, dentre elas a psicológica e a espiritual que não se contrapõem, porque atuam em áreas distintas do ser humano. De tal maneira, que a relação entre ambas pode ser de complementaridade, desde que uma respeite as especificidades e o campo de atuação da outra.

O ser humano precisa lidar harmoniosamente com todas as suas dimensões para ter uma vida saudável.

Neste sentido, o psicólogo precisa respeitar e valorizar a experiência religiosa, pois é uma dimensão importante da experiência humana. Ancona-Lopez afirma:

Por mais que conheçamos a psicologia do homem e investiguemos seu comportamento, por mais que penetremos em sua intimidade e esquadriremos sua subjetividade, sempre sobra uma pergunta não respondida. É assim que a aura do mistério envolve todo o trabalho do psicólogo clínico.¹⁵⁷

Por sua vez, o diretor espiritual precisa saber que a experiência religiosa afeta todo o ser humano, pois a relação com o sagrado não envolve só a dimensão espiritual, mas toda a pessoa. Neste sentido, é impossível separar a dimensão espiritual do restante do ser humano, sendo um erro acreditar que cuidar somente desta dimensão resolveria todos os problemas humanos.

Se uma das dimensões padece, toda a pessoa sente. Do mesmo modo que a experiência religiosa afeta todo o homem, também a dimensão psicológica exerce influência na totalidade da pessoa e, conseqüentemente, na experiência religiosa. Em função disto, se a pessoa apresenta alguma deficiência psicológica e não a trata, a experiência religiosa resultará prejudicada.

¹⁵⁶ CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA, nº 14.

¹⁵⁷ Marília ANCONA-LOPEZ, “Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas” in Marina MASSIMI e Miguel MAHFOUD (org.), *Diante do mistério*, p.86.

Portanto, para realizar um bom trabalho em direção espiritual, faz-se necessário que o diretor espiritual possua conhecimentos de psicologia, especificamente do aconselhamento psicológico, para realizar uma abordagem condizente com a situação de cada orientando, percebendo as influências das dinâmicas psíquicas na experiência religiosa e, com mais cuidado, poder discernir entre aquilo que pertence à esfera religiosa e a psicológica.

Neste contexto é possível um trabalho simultâneo, entre direção espiritual e aconselhamento psicológico, cada um, com seu respectivo profissional, para ajudar a mesma pessoa a cuidar de aspectos distintos da sua vida, abrangendo de uma maneira mais ampla toda sua história.

3.4. Tendência ao desenvolvimento

Do ponto de vista da abordagem centrada na pessoa, o homem possui uma tendência ao desenvolvimento, que o faz buscar sua realização pessoal e atingi-la com suas próprias forças, desde que lhe seja proporcionado um ambiente favorável.¹⁵⁸

Tal tendência é inata e presente em todo organismo vivo, especialmente no ser humano.¹⁵⁹ Esta tendência é “*positiva, construtiva, tendente à atualização da pessoa, progredindo para a maturidade e para a socialização*”.¹⁶⁰ Existindo um ambiente favorável, esta tendência atualiza-se, como um processo fluido e inerente ao ser humano.

Para o catolicismo, o homem também possui uma tendência inata a buscar a felicidade, pois Deus mesmo a colocou no coração do homem.¹⁶¹ Todavia, ele não consegue alcançá-la somente com suas forças, porque está marcado em sua natureza com as consequências do pecado original e possui, além do desejo de felicidade, uma inclinação ao pecado, que só pode ser superada, com esforço e a graça de Deus¹⁶².

¹⁵⁸ Cf. Franz Victor RUDIO, *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*, pp.75-78

¹⁵⁹ Cf. Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, pp.37-38.

¹⁶⁰ Rogers, 1970, p.38

¹⁶¹ Cf. CATECISMO da Igreja Católica, 1993, n.1718, p.469

¹⁶² Cf. CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, 1965 n.13, p.155

Não se pode subestimar, todavia, o fato de que a maturidade cristã e vocacional alcançável graças ao auxílio das competências psicológicas, embora iluminadas e integradas pelos dados da antropologia da vocação cristã e, portanto, da graça, nunca estará isenta de dificuldades e tensões que exigem disciplina interior, espírito de sacrifício, aceitação das fadigas e da cruz, e confiança no auxílio insubstituível da graça.¹⁶³

Para a abordagem centrada na pessoa, a criação de um ambiente favorável propicia a atualização da tendência ao desenvolvimento. Neste ambiente, o homem se torna capaz de perceber melhor seus sentimentos interiores e passa a ter mais confiança na própria experiência, para vivenciá-la sem medo.

Para Rogers, quando o homem pauta suas escolhas segundo o ditame de seus sentimentos interiores e naquilo que acredita ser bom, dificilmente se engana. “*Quando sinto que uma atividade é boa e que vale a pena prosseguir-la, devo prosseguir-la*”.¹⁶⁴

Para o catolicismo, em função da concupiscência, a existência de um ambiente favorável na direção espiritual é importante, mas não é suficiente para que o homem atinja seu pleno desenvolvimento. Além deste ambiente, é necessária uma abertura ao Espírito de Deus, que habita no seu coração, para que se realize o plano de Deus em sua vida.

O homem possui não só uma tendência que o impulsiona a buscar a felicidade, mas possui, também, uma consciência interior, na qual Deus fala e mostra sua vontade para sua vida, todo aquele que a segue caminha com Deus rumo à felicidade.

Para realizar-se, não basta só desenvolver-se, o homem precisa seguir a voz da consciência e atender ao convite do Criador para uma vida de comunhão com Deus, consigo mesmo e com os outros.

Ante o exposto, é possível perceber que tanto a abordagem centrada na pessoa quanto o catolicismo consideram que o homem tende ao desenvolvimento, mas, possuem formas diferentes de compreender este desenvolvimento.

Estas diferenças refletem diretamente no papel do diretor espiritual e do conselheiro psicológico.

O conselheiro tem por função criar um ambiente favorável que permita ao aconselhado ser ele mesmo, ouvindo seus sentimentos interiores e fazendo o que considera melhor para si, deixando fluir a tendência ao desenvolvimento que possui.

¹⁶³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, 2008, n.9

¹⁶⁴ Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.33

Na direção espiritual, a criação deste ambiente é necessária, mas não é o bastante. O diretor espiritual precisa auxiliar o orientando a escutar da voz de Deus e, além disso, ser um educador da sua consciência, auxiliando-o a viver à luz do Evangelho e da Sagrada Tradição.

Para o catolicismo, o homem possui uma missão atribuída por Deus, uma vocação. O diretor espiritual possui, também, o papel de auxiliar o orientando a perscrutar os sinais de Deus em sua vida, para perceber sua vocação e segui-la.

É preciso levar em conta a singularidade de cada indivíduo, conhecendo sua história e suas experiências de vida para realizar um aconselhamento psicológico de qualidade. Em função disto, toda experiência de aconselhamento é única, pois leva em conta a experiência de vida de cada pessoa.

Para o Catolicismo, o homem é único e singular, desde sua concepção. O homem possui uma singularidade que precisa ser observada para que seja respeitada sua dignidade de filho de Deus. Portanto, todo o processo de direção espiritual, semelhantemente ao aconselhamento psicológico, precisa respeitar a situação e as particularidades de cada orientando, tornando cada relação de direção espiritual uma experiência única.

3.4.1. Vida em plenitude

Morato acredita que, na abordagem centrada na pessoa, a tendência ao desenvolvimento é o próprio sentido da vida do homem e o sentido da existência. Quanto mais o homem deixa fluir livremente esta tendência, mais ele amadurece, encontra seu desenvolvimento e possui uma vida em plenitude.¹⁶⁵

Rogers acredita que todo homem vive em busca de uma vida plena, que ocorre na medida em que deixar fluir a tendência que possui para o desenvolvimento.¹⁶⁶ Esta vida plena não é um estado acabado e definitivo, mas um processo que vai ocorrendo ao longo de toda a vida. *“A vida plena é um processo, não um estado de ser. É uma direção, não um destino”*.¹⁶⁷

Na medida em que o homem consegue fazer suas próprias escolhas, tornando-se responsável por elas, passa a viver de um modo novo e a encontrar um novo sentido para sua vida.

¹⁶⁵ Cf. Henriette Tognetti Penha MORATO, “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.37

¹⁶⁶ Cf. Carl R. ROGERS, *Tornar-se Pessoa*, p.38-39

¹⁶⁷ *Ibid.*, p.165.

Rogers define este sentido pleno da existência assim:

o indivíduo é mais capaz de experimentar todos os seus sentimentos e tem menos medo deles; mergulha completamente no processo de ser e de se tornar o que é. O indivíduo torna-se um organismo que funciona mais plenamente e, devido à consciência de si mesmo que corre livremente na e através da sua experiência, torna-se uma pessoa que funciona de um modo mais pleno.¹⁶⁸

Para o catolicismo, a vida em plenitude é uma conquista individual e comunitária. Pode-se dizer que o homem é pleno quando consegue satisfazer suas necessidades pessoais e ajudar o seu semelhante a satisfazê-los também. O mandamento cristão “*Ama o próximo como a ti mesmo*” confirma esta idéia. O cristão que cuida somente dos seus interesses particulares não pode ser considerado um cristão autêntico e está longe de viver em plenitude.

Para o catolicismo, embora exista uma tendência à felicidade, ela não é um fim em si mesma, mas um meio para se chegar a Deus que é o fim último e o sentido supremo de toda vida humana. Só Deus é capaz de responder a todos os anseios do coração humano.

No catolicismo, para viver em plenitude, o homem precisa também respeitar e valorizar sua dimensão espiritual e, para tanto, necessita de um encontro pessoal com Cristo. “*Todo aquele que segue Cristo, o Homem perfeito, torna-se ele também mais homem*”.¹⁶⁹

O homem precisa deixar fluir a força do amor presente em seu coração e, viver segundo a mensagem de Cristo, para alcançar a felicidade que almeja. O cristão encontra a plenitude da sua existência na medida em que vive o amor de Deus, amando a si mesmo e aos outros.

Na abordagem centrada da pessoa, pode-se dizer que o homem é o seu próprio princípio moral, pois pauta sua conduta pelo que sente e acredita ser o melhor para si, conduzindo seu desenvolvimento segundo seus próprios juízos de valor e interesses pessoais.

Browning e Cooper¹⁷⁰ fazem uma crítica a este aspecto da abordagem centrada na pessoa, afirmando que este tipo de compreensão, da auto-atualização como imperativo moral, pode conduzir o homem a um egoísmo ético, que supervaloriza os interesses particulares em detrimento dos interesses coletivos.

¹⁶⁸ *Ibid.*, p.170.

¹⁶⁹ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, nº 41, p. 186.

¹⁷⁰ Cf. D.S.BROWNING e T.D. COPPER, *Self-Actualization and Harmony in Humanistic Psychology. Religious Thought and the Modern Psychologies*, pp.63-68.

Para o cristianismo, o Evangelho de Jesus Cristo e a Tradição da Igreja são os princípios norteadores da moral cristã. O homem não pode pautar sua conduta somente por seus valores e interesses pessoais, mas precisa vivê-los à luz do Evangelho, colaborando para a construção de um mundo mais justo e solidário.

As diferenças relativas ao conceito de vida em plenitude encontradas na abordagem centrada na pessoa e no catolicismo implicam diretamente no papel do diretor espiritual e do conselheiro.

Enquanto que o conselheiro tem por objetivo fazer com que o aconselhado possa ser ele mesmo, atingindo suas metas pessoais de desenvolvimento, baseado nos seus interesses e valores pessoais, o diretor espiritual visa aproximar o orientando do coração de Deus, para que ele melhore o seu relacionamento com Deus, consigo mesmo e com os outros, sempre baseado nos valores evangélicos. Para tanto, o diretor necessita apresentar os valores do Evangelho e os ensinamentos da Igreja, indicando, quando necessário, os desvios.

Pode-se dizer que para o aconselhamento psicológico a vida em plenitude é uma conquista individual que beneficia a própria pessoa e, para a direção espiritual, esta conquista é fruto de uma luta pessoal, auxiliada pela graça de Deus, que visa beneficiar não só o orientando, mas também o seu próximo.

3.5. Síntese

É muito importante que o diretor espiritual tenha consciência das diferenças e semelhanças entre a abordagem centrada na pessoa e o catolicismo, no que diz respeito à visão de homem, caso pretenda valer-se, adequadamente, dos conceitos do aconselhamento psicológico para a prática da direção espiritual.

Em primeiro lugar, é possível a utilização de alguns conhecimentos do aconselhamento psicológico na prática da direção espiritual uma vez que as duas concepções de homem se apóiam em raízes semelhantes: a consideração positiva do homem e sua tendência ao desenvolvimento.

Outra semelhança que os aproxima e corrobora esta utilização é a crença de que o homem é um ser constituído por varias dimensões, entre elas: a espiritual e a psicológica.

Para as duas concepções, o ser humano é único e singular, merecedor de respeito e dignidade, sendo capaz de fazer escolhas e tornando-se responsável por elas. Na medida em que vai se desenvolvendo, o homem consegue fazer escolhas que o auxiliam a atingir seus objetivos.

Para as duas relações de ajuda é necessária uma postura de confiança em relação ao ser humano, pois consideram que o homem é capaz de melhorar e buscar a felicidade e que ele está em constante aperfeiçoamento em prol de uma vida em plenitude.

Diante destas proposições em comum, é válido afirmar que o diretor espiritual precisa encorajar o orientando a acreditar na vida e enfrentar seus problemas para superá-los no momento oportuno.

O diretor espiritual, levando em conta a singularidade do orientando, precisa se debruçar sobre a vida dele, através de uma boa acolhida e uma escuta interessada, deixando de lado seus preconceitos e decisões pré-estabelecidas. Ele precisa ter uma postura confiante em relação ao orientando, mostrando que acredita na sua capacidade de concretizar o seu desejo de felicidade. É necessário apresentar ao orientando a mensagem do Evangelho e os ensinamentos da Igreja, mas deixá-lo livre para fazer suas próprias escolhas.

Apresentadas estas semelhanças e suas possíveis implicações para a prática da direção espiritual católica, algumas diferenças precisam ficar claras para que não haja confusões entre as áreas.

Em síntese, no que diz respeito à visão de homem, a grande diferença entre a abordagem centrada na pessoa e o catolicismo é a ênfase católica na importância da dimensão espiritual no ser humano.

Para o catolicismo, admitir a dimensão espiritual é elemento fundamental para uma compreensão completa da vida humana. Para o aconselhamento psicológico essa dimensão não é primordial, embora o conselheiro possa se debruçar sobre os significados das experiências religiosas de seus aconselhados.

Para a abordagem centrada na pessoa, o homem é bom e apto a atingir seu desenvolvimento com suas próprias forças, na medida em que suas potencialidades se atualizam facilitadas por um ambiente favorável.

Para o catolicismo, a tendência ao desenvolvimento também está presente no homem, mas não é suficiente para que o homem atinja sua realização, pois a natureza humana traz em si uma inclinação ao pecado que só pode ser superada com a graça de Deus.

Quanto ao sentido da existência, na abordagem centrada na pessoa entende-se que a própria tendência ao desenvolvimento é o sentido da vida. No catolicismo, porém, entende-se que Deus é o sentido último da existência humana.

Esta diferença tem uma implicação direta nos valores morais adotados pelas duas concepções.

Para a abordagem centrada na pessoa, o homem é seu próprio princípio moral, pois vai descobrindo ao longo da vida, segundo o ditame de seus sentimentos interiores, os valores que precisa observar para atingir seus objetivos.

Para o catolicismo, os valores morais são revelados por Deus e podem ser percebidos pelos homens segundo a lei natural impressa em seu coração. A inclinação ao pecado, porém, pode dificultar essa percepção e cabe, então, ao diretor espiritual, auxiliar o orientando a reconhecer a voz de Deus em sua consciência.

Enquanto que para a abordagem centrada na pessoa a vida plena decorre da atualização e do desenvolvimento das potencialidades que o homem possui, para o catolicismo, a vida plena anunciada por Jesus Cristo, é fruto de um encontro com o amor de Deus que modifica o relacionamento consigo mesmo e com os outros. O homem precisa de Deus para se desenvolver plenamente, tanto para vencer a inclinação ao pecado, quanto para preencher a sua dimensão espiritual e amar de um modo mais pleno.

As diferenças apresentadas acima implicam diretamente no papel do conselheiro e do diretor espiritual.

Enquanto o conselheiro psicológico visa propiciar um ambiente favorável que possibilite ao aconselhado desenvolver os seus potenciais, o diretor espiritual ajuda o orientando a encontrar, na sua experiência diária, a presença de Deus que o fortalece e o capacita a enfrentar mais corajosamente seus problemas.

O diretor espiritual precisa ter clareza de que embora conheça e se utilize de conceitos e recursos desenvolvidos na área do aconselhamento psicológico, ele mesmo não realiza um aconselhamento psicológico. Os conhecimentos em psicologia podem ser importantes para o seu trabalho, mas não são suficientes para cuidar da dimensão espiritual do ser humano.

Embora o conselheiro considere o significado da dimensão espiritual na vida humana, ele mesmo não a afirma ou nega. O diretor espiritual, por sua vez, afirma pela fé a existência de Deus e auxilia o orientando a perceber a ação Dele em sua vida. Ele tem a fé como pressuposto fundamental para toda a sua conduta, o que o diferencia significativamente do conselheiro psicólogo.

No aconselhamento psicológico, o conselheiro configura-se como um facilitador para que a própria pessoa possa desenvolver suas potencialidades inatas à realização. O diretor espiritual também atua como facilitador em alguns momentos, mas, em outros, assume o papel de um educador, com a missão de anunciar, com clareza, ao orientando a mensagem cristã.

Tanto o conselheiro psicológico quanto o diretor espiritual tem por objetivo auxiliar a pessoa a viver em plenitude. Todavia, o conceito de vida em plenitude é distinto para as duas relações de ajuda, o que influencia diretamente no papel do conselheiro e do diretor espiritual.

O conselheiro entende que para viver em plenitude é suficiente que o aconselhado se torne capaz de escolhas autônomas, desenvolvendo suas potencialidades. O diretor espiritual acredita que a vida em plenitude ocorre na medida em que o orientando encontra-se com Cristo e suas escolhas correspondem à mensagem cristã, propiciando o bem a si mesmo e ao próximo.

Em suma, percebe-se a possibilidade da utilização de alguns conhecimentos do aconselhamento psicológico para a prática da direção espiritual, em função das semelhanças existentes entre a abordagem centrada na pessoa e o catolicismo, desde que observadas e respeitadas às devidas diferenças entre eles.

Sendo assim, para produzir bons frutos, a utilização dos conceitos e recursos psicológicos precisa ser adequada à direção espiritual, levando em conta suas particularidades e especificidades e, por sua vez, o diretor espiritual precisa estar bem consciente disto, para evitar confusões e ser preciso na sua tarefa.

CAPÍTULO IV – APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO PARA A PRÁTICA DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

Não existe nada que abale tanto o homem, abale a ponto de provocar o sentimento de entrega total, quanto ser descoberto e compreendido”.

Luigi Giussani

Neste momento da dissertação, faz-se necessário escrever um relato da minha experiência de pesquisa para mostrar quais as apropriações que fiz de conhecimentos da psicologia, especificamente do aconselhamento psicológico, para a minha prática da direção espiritual.

Durante o processo de pesquisa fui me apropriando de conhecimentos do aconselhamento psicológico, na medida em que eles faziam sentido à minha prática da direção espiritual e podiam contribuir com ela. Estas apropriações, me fizeram compreender a minha experiência como diretor espiritual de uma forma nova e, conseqüentemente, mudaram a minha prática.

Provavelmente, o uso de alguns conceitos pode não corresponder exatamente ao rigor teórico com que é utilizado na abordagem psicológica, haja vista que a aplicabilidade de conceitos de uma área do conhecimento em outra, não se dá sem que eles sofram transformações ao serem inseridos em outro contexto.

De tal maneira, que as apropriações feitas ao longo da pesquisa, em certo sentido, dão novas nuances aos conceitos, e ao mesmo tempo, as apropriações destes conceitos também mudam o modo de entender e fazer a direção espiritual.

Para tanto, nesse trajeto de pesquisa, não me preocupei tanto com o uso rigoroso destes conhecimentos, mas sim como ressoaram em mim, produzindo novas possibilidades e modos de aplicá-los na prática da direção espiritual. Certamente, este é um dos efeitos da reflexão interdisciplinar.

4.1. Motivação da pesquisa

Como afirmei na introdução, busquei o programa de psicologia clínica para realizar uma dissertação de mestrado, porque percebia que faltavam conhecimentos nesta área para minha prática de direção espiritual. Sentia a necessidade de adquirir outros elementos complementares aos da teologia, que pudessem tornar meu trabalho mais abrangente.

Ao encontrar no Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP um eixo que pesquisava temas ligados à psicologia e à religião, acreditei na possibilidade de atingir meu objetivo.

Fiquei com dúvidas sobre a possibilidade de realizar esta pesquisa, pelo fato de não ser graduado em psicologia. Questionava-me se eu conseguiria realizar uma dissertação de mestrado fora da minha área de atuação.

Antes mesmo de ingressar no mestrado, fui orientado a ler sobre interdisciplinaridade, para refletir sobre a possibilidade de desenvolver uma dissertação nas duas áreas. De fato, isto me ajudou bastante e, me encorajou a percorrer um campo que eu não dominava, a psicologia.

Hoje, posso dizer que o enquadre de apenas uma disciplina não responde a todos os problemas humanos. Quanto mais nos enriquecemos com conhecimentos das diferentes ciências, mais nos tornamos aptos a prestar um serviço ao ser humano que pede a nossa ajuda. Na medida em que aumentamos nosso cabedal de conhecimentos, ficamos mais preparados para compreender o homem e ajudá-lo.

4.2. Escolha da abordagem teórica

Ante a possibilidade de uma pesquisa em uma área do saber diversa da minha formação acadêmica, surgiu outra questão: no campo da psicologia, que possui tantas linhas teóricas distintas, de qual me valer para fazer a pesquisa?

No início, a diversidade de abordagens me assustou. Questionava-me como poderiam existir, dentro de uma mesma ciência, conceitos tão divergentes sobre uma mesma questão; sobre um mesmo fenômeno se apresentava uma gama enorme de explicações que, muitas vezes, eram absolutamente distintas.

Diante desta diversidade de abordagens, comecei a descartar aquelas que eram mais incompatíveis com meus valores pessoais e a minha maneira de entender o homem e o mundo e, também, aquelas que entendiam a experiência religiosa como patologia.

Achei melhor não me debruçar sobre a psicanálise freudiana, pois eu não aceitava as afirmações sobre a experiência religiosa daquela linha teórica. Não conseguiria ser coerente comigo mesmo naquela abordagem.

Outra linha teórica que não me interessou foi a apresentada pela psicologia comportamental. Descartei-a baseado na minha experiência como diretor espiritual. Nas direções espirituais percebia que não se podia reduzir à experiência humana apenas aos seus comportamentos observáveis. Uma direção espiritual com cunho comportamental, não olharia o “coração” do homem, mas analisaria e avaliaria as suas práticas e comportamentos.

Posso dizer que minha visão de homem me indicava um caminho diferente destas duas abordagens.

O único contato com a psicologia que eu possuía, até então, era com as obras de Viktor Frankl, as quais eu gostava muito, pois estavam de acordo com aquilo que eu acreditava.

Acredito na unicidade do homem e na sua capacidade de fazer escolhas, tornando-se responsável por elas e, também, na sua liberdade para construir sua história, segundo suas crenças e valores.

Quando comecei a conhecer a psicologia humanista, percebi que suas afirmações eram condizentes com a minha maneira de ver o mundo e o homem. Neste momento, passei a vislumbrar possibilidades concretas de realizar meu trabalho de pesquisa.

Passei a procurar, na psicologia humanista, autores que me auxiliassem a construir um diálogo entre a psicologia e a religião e, que me ajudassem a perceber possíveis contribuições que a psicologia poderia oferecer para a prática da direção espiritual.

No meu levantamento bibliográfico sobre direção espiritual, constatei que alguns autores da espiritualidade se referiam à utilização de alguns elementos da psicologia na prática da direção espiritual e, quando o faziam, usualmente, citavam Rogers.

Lendo este autor, pude perceber que, de fato, suas colocações pareciam compatíveis com o tipo de pesquisa que eu queria desenvolver. Optei por um estudo mais detalhado do aconselhamento psicológico na abordagem centrada na pessoa, acreditando que poderia me

possibilitar a apropriação de alguns conceitos e atitudes para a prática da direção espiritual que eu realizava.

Algo que me marcou muito, desde o início da pesquisa, diz respeito à dimensão espiritual do homem. Muitos autores, da abordagem centrada na pessoa, não afirmam e nem negam a existência do Transcendente, mas mantêm uma posição de respeito para com a pessoa que faz a experiência religiosa.

A abertura à possibilidade da experiência religiosa e o respeito, sem oposições teóricas, “ao terreno do mistério”, me permitiram a continuidade da pesquisa dentro desta abordagem. Notei que seria possível estudá-la e, ao mesmo tempo, continuar acreditando em Deus.

Adotar uma linha teórica da psicologia que fosse totalmente contrária à experiência religiosa e aos valores do cristianismo inviabilizaria minha pesquisa.

4.3. Apropriação de alguns conceitos da abordagem centrada na pessoa

Ao longo da pesquisa, pude perceber que alguns conceitos da abordagem centrada na pessoa eram compatíveis com conceitos católicos, tornando possível um diálogo harmonioso entre eles.

Esta pesquisa me ajudou a adquirir alguns conhecimentos psicológicos e também serviu para fortalecer alguns conhecimentos teológicos que eu já possuía, dada a proximidade entre eles.

O primeiro conceito da abordagem centrada na pessoa que despertou meu interesse foi a visão positiva do homem, também afirmada pelo cristianismo.

A visão positiva do homem, presente na psicologia humanista, fortalecia meu discurso religioso e, conseqüentemente, minha prática da direção espiritual, pois não era mais só uma questão de fé, mas, também, a afirmação de uma ciência humana.

Acreditar na necessidade da confiança no ser humano e nas suas possibilidades de mudança afetou minha postura na direção espiritual. Notei que, muitas vezes, na prática da direção espiritual, eu tinha uma postura de desconfiança em relação ao orientando e em suas reais condições para crescer na fé e discernir sobre o seu próprio caminho.

Outro conceito da abordagem centrada na pessoa que foi muito importante para a minha pesquisa foi a afirmação da tendência humana ao desenvolvimento.

Observadas as devidas diferenças com a direção espiritual, relativas à concupiscência e a necessidade da graça de Deus, este conceito também me ajudou a acreditar mais no orientando e a entender que, também na vida espiritual, ele pode caminhar por conta própria.

Neste sentido, na relação de ajuda espiritual, o diretor exerce a missão de facilitador e não de protagonista. O próprio orientando é capaz de construir seu caminho e sua história, quanto mais o diretor confia nele de uma maneira clara e sincera, mais seu desenvolvimento é favorecido.

Muitos autores afirmam que estes conceitos não devem ser entendidos como conhecimentos meramente teóricos, mas vivenciados e internalizados pelo conselheiro, a fim de que façam parte integrante de seus valores e crenças pessoais. O conselheiro precisa acreditar no aconselhado de fato, para encorajá-lo a fazer mudanças concretas.

Na direção espiritual, isto também precisa ocorrer. O diretor espiritual não consegue expressar uma postura de confiança, se não for uma pessoa confiante, porque a maneira de ser do diretor espiritual influencia a sua prática.

Se ele acredita no ser humano, então sua postura e sua prática corresponderão a essa confiança e a revelarão. Portanto, tanto o conselheiro psicológico quanto o diretor espiritual precisam internalizar e acreditar nestes conceitos para poder vivenciá-los de forma autêntica na relação de ajuda.

Estudar o conceito de relação de ajuda me fez entender que a direção espiritual também é uma relação de ajuda voltada à dimensão espiritual.

Em primeiro lugar, semelhantemente ao aconselhamento psicológico, a direção espiritual também se configura como uma experiência de encontro e partilha, haja vista que o ser humano não se desenvolve sozinho e necessita do encontro com o outro para ser pleno, o simples fato de encontrar-se, possibilita transformações.

A afirmação de que o homem é um ser relacional é muito compatível com o Cristianismo que propõe fundamentalmente uma experiência de encontro com Cristo, que veio ao mundo para se relacionar fraternalmente com o ser humano. Sob este enfoque, a direção espiritual assume um caráter de relação de ajuda espiritual que favorece o desenvolvimento pleno do ser humano.

Portanto, na direção espiritual, em primeiro lugar, o diretor precisa ter consciência de que o encontro com o orientando, por si só, pode ser curativo e, que sua presença sincera e disposta a ajudar é o início de um processo de transformação.

É importante que o diretor espiritual esteja interessado no desenvolvimento do orientando para poder ajudá-lo melhor. O diretor precisa estar inteiro na relação, debruçado sobre a vida do orientando e, por menor que seja o tempo do encontro, ele precisa ser pleno.

O diretor espiritual precisa possibilitar ao orientando viver de maneira independente, cuidando para não gerar no orientando uma relação de dependência aos seus conselhos e orientações. Sendo assim, a direção espiritual se configura como uma relação de ajuda que gera liberdade de escolha e responsabilidade.

Muitas vezes, o orientando fragilizado enxerga, no diretor espiritual, um homem capaz de resolver todos os seus problemas e responder a todos os seus questionamentos, fazendo das orientações do diretor, regras para sua vida. Em muitos casos, o diretor espiritual corre o risco de aceitar este papel, identificando-se com a vida do orientando e querendo resolver os seus problemas.

A direção espiritual, no entanto, precisa propiciar crescimento e desenvolvimento e não uma relação de dependência. O diretor espiritual acompanha a vida de muitas pessoas, mas não deve se identificar e nem decidir por elas, cabe-lhe permitir que cada orientando aprenda a fazer suas próprias escolhas e se torne responsável por elas.

O diretor espiritual não desempenha um papel coercitivo, mas sim de facilitador para que o orientando encontre a Deus e a si mesmo e, faça suas próprias escolhas segundo sua consciência.

Na minha prática, eu estava acostumado a tomar decisões pelos orientandos e a dar conselhos que excluíssem seu poder de decisão. Certa vez, conversando com um psicólogo, ele me disse que acerca de um problema pessoal, eu podia ouvir muitos conselhos e levá-los em conta, mas ao final, eu é que deveria tomar e assumir a decisão.

Passei a vivenciar esta idéia na direção espiritual, encontrando apoio para ela ao estudar o aconselhamento psicológico. A partir deste momento, quando o orientando contava seu problema e me pedia uma decisão sobre o que fazer, eu deixava a cargo dele a decisão a ser tomada.

Eu mostrava algumas passagens bíblicas, atitudes de Jesus e os ensinamentos da Igreja que pudessem lhe servir de auxílio, mas ao final ele mesmo devia decidir, pois era ele quem continuaria a lidar com a situação concreta e, ninguém a conhecia melhor do que ele mesmo.

Os resultados foram bons. Eu percebia no orientando o crescimento de uma fé madura e livre. O orientando escolhia livremente a Cristo, porque Ele fazia sentido à sua vida e, não porque era obrigado. Algumas pessoas ficavam tristes por não receber uma resposta pronta, mas eu sabia que isto, posteriormente, proporcionaria um bem maior. Elas precisavam aprender a assumir e administrar suas vidas e a enfrentar seus problemas.

Não cabe ao diretor espiritual tomar decisões no lugar dos orientandos, mas ajudá-los a fazê-lo. A relação de ajuda espiritual tem como principal objetivo favorecer uma aproximação maior com Deus e, não com o diretor espiritual e seus conselhos.

4.4. Ambiente favorável e atitudes facilitadoras

Na abordagem centrada na pessoa afirma-se a necessidade da criação de um ambiente que facilite a atualização da tendência ao desenvolvimento presente no ser humano. Para tanto, apresenta algumas atitudes a serem vivenciadas no processo da relação de ajuda.

Percebi que seria muito útil à direção espiritual levar em conta a necessidade da criação de um ambiente propício ao desenvolvimento espiritual do orientando, através das vivências de algumas atitudes facilitadoras que, observadas às devidas particularidades, poderiam ser aplicadas à direção espiritual.

4.4.1. Aceitação positiva

A aceitação positiva no aconselhamento psicológico significa que o conselheiro não impõe condições para aceitar e acolher o aconselhado. Souza afirma que o conselheiro sequer *“faz julgamentos de valor, mas, ao contrário aceita o seu cliente plenamente como ele é”*.¹⁷¹

¹⁷¹ Lizete Quelha de SOUZA, *A Abordagem centrada na pessoa e a experiência religiosa: uma discussão da relação Eu-Tu como fator de transcendência na psicoterapia*, p.27.

Na esfera da direção espiritual, entendo por aceitação positiva da pessoa o fato de acolhê-lo, com todas as suas dores e sofrimentos, sem julgamento ou condenação, de um modo amoroso, mostrando que sempre há a possibilidade de mudança. O diretor espiritual precisa aceitar o orientando e sua história de vida, para ajudá-lo a construir um caminho eficaz e duradouro.

É importante que o orientando perceba que não está à margem da sociedade ou da comunidade religiosa, mas é um ser humano capaz de rever sua história de vida e mudar, possuindo totais condições de alcançar a felicidade que anseia.

Esta aceitação vivida dentro da direção espiritual tem um limite, pois não pode concordar com o erro. Isto seria contrário à missão do diretor espiritual, que tem o dever moral e ético de apresentar os valores do Evangelho.¹⁷²

Passagem bíblica que apresenta esta atitude de aceitação na vida de Jesus é a da samaritana.¹⁷³ Em primeiro lugar, Jesus se aproxima e acolhe a pessoa, mesmo conhecendo a situação de pecado em que a mulher estava envolvida.

Ele primeiro se coloca ao lado da mulher e faz com que ela o conheça. Depois de estabelecida uma relação de confiança, ela mesma passa a querer a mensagem de amor que é oferecida por ele.

Jesus se apresenta e oferece a oportunidade de um encontro, de uma relação de amor e de ajuda. O encontro com Cristo é tão transformador que a mulher percebe que sua própria história pode ser vivida de um jeito novo e sente a necessidade de reescrevê-la de maneira diferente.

Uma relação de aceitação cria a possibilidade de mudanças autênticas e duradouras. Mesmo que o diretor espiritual se ausente de sua convivência diária, a nova postura já foi assumida pelo orientando e não foi imposta, mas foi aceita por ele mesmo, atitude que fará parte de toda a sua vida.

¹⁷² Ez 3,17-21: “Filho do homem, estabeleço-te como sentinela na casa de Israel. Logo que escutares um oráculo saindo de minha boca, tu lho transmitirás de minha parte. Se digo ao malévolo que ele vai morrer, e tu não prevines e não lhe falas para pô-lo de sobreaviso, devido ao seu péssimo proceder, de modo que ele possa viver ele há de perecer por causa do seu delito, mas é a ti que pedirei conta do seu sangue. Contudo, se depois de advertido por ti, não se corrigir da malícia e perversidade, ele perecerá por causa de seu pecado, enquanto tu hás de salvar a tua vida. Ao contrário, se advertires ao justo que se abstenha do pecado, e ele não pecar, então ele viverá, graças à tua advertência, e tu, assim, terás salvado a tua vida”.

¹⁷³ Cf. Jo 4, 1-42

Muitas vezes, as pessoas não têm plena consciência da situação que estão vivendo ou não conseguem viver de outra maneira. O papel do diretor espiritual é transmitir ao orientando a mensagem evangélica, para possibilitar que ele mesmo perceba a sua situação e posteriormente, decida sobre suas atitudes.

Semelhante atitude é encontrada na situação da mulher adúltera que iria ser apedrejada. Jesus a acolhe, reprova o julgamento dos homens e depois aconselha: “*vá e não peques mais.*”¹⁷⁴ Jesus acolhe, mostra a situação de pecado e permite que a mulher escolha seu próprio caminho.

As pessoas querem os parâmetros cristãos, por isto buscam o diretor espiritual, mas necessitam, antes de tudo, de acolhimento, respeito e amor, para poder acreditar na possibilidade de uma nova vida. Não querem seguir uma lei imposta e sem sentido, nem querem ouvir uma sentença de condenação, mas buscam encontrar no diretor espiritual um irmão que lhes mostre que ainda vale a pena enfrentar a vida e continuar buscando a felicidade.

As pessoas precisam entender a mensagem de amor e todas as suas implicações, para poder vivê-la conscientemente. Tudo que é imposto e não é assimilado pela pessoa não produz fruto.

O diretor espiritual precisa acreditar no ser humano. Ele precisa confiar que o coração do homem é essencialmente bom, criado a imagem e semelhança do Criador e que o orientando possui uma força propulsora para o bem, o divino Espírito Santo.

A aceitação positiva é entendida por muitos autores, do aconselhamento psicológico, como uma atitude amorosa em relação ao aconselhado. Para o Catolicismo, o homem se realiza na medida em que ama e é amado, pois o amor é a sua essência. O homem nasceu do amor e só se realiza quando se aproxima deste amor e o partilha, amando a Deus, a si mesmo e os outros.

É importante frisar que o diretor espiritual não deve ser excessivamente permissivo, afirmando que tudo pode e tudo está certo.

No aconselhamento psicológico também existem limites para a aceitação. Souza afirma que “*a aceitação incondicional do cliente por parte do terapeuta não significa que*

¹⁷⁴ Jo 8,11

*‘tudo é aceitável’. Na realidade, tal fato quer dizer que, embora o terapeuta se proponha a aceitar incondicionalmente o cliente, isso só é possível dentro de certos limites”.*¹⁷⁵

A diferença significativa entre a aceitação no aconselhamento psicológico e na direção espiritual está exatamente nos limites da aceitação. Enquanto para o conselheiro os limites da aceitação estão discriminados no código de ética do psicólogo e em valores consensuais, assim como em convenções éticas sociais. Para o diretor espiritual estes limites estão contidos no Evangelho e na Tradição da Igreja.

As diferenças dos limites de aceitação no aconselhamento psicológico e na direção espiritual, em parte, são decorrentes das diferenças entre a visão de homem no catolicismo e na abordagem centrada na pessoa.

Para o aconselhamento, a crença na plena capacidade do homem em alcançar o seu desenvolvimento, faz com que o aconselhado seja aceito de um modo quase que ilimitado. O catolicismo, por sua vez, por acreditar na inclinação ao pecado e na necessidade da educação da consciência, acredita que o diretor espiritual precisa orientar o homem para os valores evangélicos e, se necessário, mostrar os desvios.

Para a direção espiritual, existe uma diferença significativa entre o acolhimento da pessoa e a concordância com aquilo que a afasta de Deus. Acolher a pessoa não significa concordar com seus erros e pecados, porque isto implica em prejuízo para o próprio orientando.

Todavia, mesmo que o orientando apresente algo que está em desacordo com a mensagem cristã e precise ser orientado quanto a isto pelo diretor, este deve fazê-lo sempre de forma acolhedora e amorosa. A discordância, por parte do diretor espiritual, com aspectos da vida do orientando, não significa rejeição do orientando.

Na direção espiritual, somente o erro não é aceito, mas não a pessoa. Na prática, as pessoas esperam que o diretor espiritual apresente a mensagem cristã com todas as suas implicações e também aponte os limites, mas que o faça de uma maneira caridosa e fraterna.

A questão fundamental é saber como falar e apresentar os valores evangélicos, pois quando são apresentados com caridade, os resultados são surpreendentes e as pessoas ficam agradecidas.

¹⁷⁵ Lizete Quelha de SOUZA, *A Abordagem centrada na pessoa e a experiência religiosa: uma discussão da relação Eu-Tu como fator de transcendência na psicoterapia*, p.28

4.4.2. Congruência ou autenticidade

*“A congruência ou autenticidade decorre de um modo de ser genuíno, verdadeiro. Ou seja, é a correspondência que deve existir entre o que o conselheiro sente, pensa e expressa”.*¹⁷⁶

A ênfase na atitude de congruência proposta pela abordagem centrada na pessoa foi um auxílio de grande valia para a minha prática de direção espiritual. Antes desta pesquisa, eu acreditava que a atuação do diretor espiritual devia ser a mais imparcial possível e que ele não podia manifestar seus sentimentos e impressões, sob pena de atrapalhar o processo de direção espiritual.

Portanto, eu acreditava que não precisava manifestar meus sentimentos, bastava apontar o caminho de Deus e que eu estava na relação para falar de Jesus e do Evangelho e não de mim mesmo.

Quando passei a estudar esta atitude, fiquei muito curioso sobre a viabilidade de sua vivência dentro da direção espiritual, mas resolvi fazer uma experiência. Ao longo do tempo, fui me sentindo mais livre para ser eu mesmo, percebia que isto também fazia bem às pessoas, porque a relação ficava mais transparente e verdadeira.

Durantes as direções, eu, constantemente, dizia aquilo que estava sentindo no momento, considerando a situação e a condição do orientando e, percebia que dava certo. Ouvi inúmeras vezes as pessoas agradecerem esta minha postura, dizendo que gostavam de uma relação verdadeira, transparente e sem máscaras. A relação de ajuda começou a fluir com mais sinceridade.

Percebi que era necessário estar inteiro na relação e, por mais que eu tivesse outros compromissos, era melhor dedicar menos tempo com maior atenção, a dedicar mais tempo com pressa para terminar. Era necessário dizer ao orientando que precisava terminar ou que tinha ocorrido algo inesperado que exigia minha presença. Nestes casos, o orientando percebe que o diretor está sendo verdadeiro e, isto o ajuda a acreditar no diretor espiritual e confiar no processo de relação de ajuda.

Vale dizer, que o diretor espiritual precisa ser congruente com caridade, ou seja, não é falar tudo que lhe vem à mente, de qualquer modo, mas dizer o que convém para o bem da relação e do orientando, sempre de uma forma amorosa e cordial.

¹⁷⁶ Lilia Ransan GOUVÊA, *Aconselhamento Religioso à luz da teoria de Kierkegaard sobre as estações na estrada da vida*, p.24

Se o diretor espiritual não é congruente, o orientando percebe e a relação fica prejudicada, pois ele percebe que aquilo que está sendo dito não é verdadeiro, uma vez que a postura do diretor revela esta incongruência.

Do ponto de vista do catolicismo, posso dizer que quanto mais próximo de Jesus o diretor espiritual estiver, quanto mais a sua vida cotidiana corresponder ao Evangelho, mais a sua conduta comunicará isto e, esta comunicação se fará por um “transbordamento de amor”. Vivendo assim, o diretor não precisará ensaiar ou temer suas atitudes, porque toda a sua vida corresponderá ao amor de Deus.

A congruência é uma atitude constante nas relações de Jesus. Ele sempre se mostrou autêntico, não escondendo seus sentimentos e apresentando seus pensamentos com transparência.

Jesus não forjava assertivas para agradar aos outros, nem para evitar futuros problemas, mas sempre assumiu sua vida e sua missão, com todas as implicações decorrentes.

Jesus viveu assim porque acreditava que a autenticidade levava a uma conversão sincera e a falsidade a uma vida mentirosa. Esta atitude autêntica cria um clima de confiança e verdade na relação.

Na direção espiritual, ser congruente significa comunicar ao orientando o que o diretor é de fato. Portanto, o empenho maior do diretor espiritual não deve estar voltado para a forma da comunicação, mas para a melhor maneira de ser, pois quando ele é um homem da caridade, que escolhe a congruência como atitude fundamental, ele anuncia o amor de Deus com sua própria vida.

4.4.3. Empatia

A atitude empática, proposta pelo aconselhamento psicológico aponta a importância do conselheiro em não apenas conhecer os problemas da pessoa que pede sua ajuda,

mas sim que os compartilhe com ela, que entenda como ela reagiu e sentiu o que passou, as atitudes que tomou e o que resultou disso tudo para ela. Não basta observar o que acontece, é preciso se colocar no lugar do cliente para perceber seu mundo, senti-lo como se fosse seu, porém, sem perder o próprio referencial. Procurar sentir o mesmo que o cliente sentiu, ódio, amor, raiva, como se fossem seus próprios sentimentos, porém sem confundi-los com seu próprio ódio, amor e raiva.¹⁷⁷

¹⁷⁷ Melissa Guerrero LARRABURE, *Semelhanças e diferenças entre o atendimento psicológico e o atendimento religioso: “os últimos passos de um homem”*, p.17

A empatia foi uma das atitudes que mais contribuiu para a minha prática de direção espiritual, mas também a mais difícil de ser aceita e vivenciada.

Colocar-se no lugar do outro para entender a partir dele, no início, soava-me como algo estranho. Eu acreditava que na direção espiritual, o diretor tinha que entender o que se passava com o outro, com base na sua própria experiência e no Evangelho.

Em função disto, na minha prática, quase não ouvia, ficava tentando interpretar o caso e aguardando a minha vez de falar para apresentar alguma solução. Esta obrigação de ter que encontrar sempre uma resposta para toda problemática apresentada, me deixava tenso e, nem sempre trazia resultados para a vida do orientando.

Com muita luta interior, comecei a tentar compreender empaticamente cada orientando, tentando me colocar no lugar dele, para entender o que ele sentia naquela determinada situação, levando em conta suas impressões e sentimentos.

Fui notando que quanto mais forte era a minha atitude empática, quanto mais eu saía de mim e de meus referenciais, deixando-os de lado momentaneamente, para me colocar no lugar do outro e entendê-lo, a partir de seu contexto e de seus referenciais, mais eu conseguia entender a vida do orientando que, por sua vez, sentia-se mais acolhido e valorizado.

Entender os significados que o próprio orientando atribui às suas experiências, torna o diretor espiritual mais apto para ajudá-lo, pois possibilita uma melhor compreensão da vida do orientando, de seus problemas e anseios.

O conceito cristão de compaixão aproxima-se desse contexto, pois compaixão significa “sofrer com” o outro e, para isto, é necessário colocar-se no lugar daquele que sofre para entender seu sofrimento e ajudá-lo.

Na vida cristã, compreender empaticamente auxilia na superação do egoísmo, pois possibilita sair do seu próprio mundo interior, para tentar conhecer o mundo do outro, percebendo seus sofrimentos e necessidades. Significa reconhecer a singularidade do orientando e valorizar sua história de vida, colocando-se no lugar dele, de modo que, seus sentimentos ressoem no diretor espiritual.

A compreensão empática permite uma liberdade maior à experiência do orientando, pois quando ela é valorizada, ele percebe que aquilo que está narrando é importante e pode continuar a ser experienciado.

A partir da busca de me colocar em uma atitude empática, passei a observar no Evangelho a maneira como Jesus se relacionava com as pessoas e reconheci, por diversas vezes, a sua atitude empática.

Colocando-se no lugar das pessoas, ouvindo seus anseios e compartilhando os sentidos das experiências com aqueles que o procuravam, Jesus, em muitos momentos, sentiu compaixão, chegando a chorar diante do sofrimento alheio. Ele não era indiferente ao sofrimento humano, mas se colocava no lugar de cada pessoa, entendendo a partir do outro, para depois poder ajudá-lo.

A empatia é uma atitude de humildade, pois necessita reconhecer que o diretor espiritual não é o centro das atenções e que, o orientando é importante e o sujeito na relação.

No Evangelho, em algumas passagens da vida de Jesus, sua atitude empática fica clara. Após a sua morte, muitos discípulos estavam tristes e desconsolados porque acreditavam que toda a missão de Cristo tinha terminado na cruz. Após sua ressurreição, Jesus se encontra no caminho de Emaús, com dois discípulos que voltavam para casa, tremendamente tristes com o ocorrido.¹⁷⁸

Jesus “*põe-se com eles a caminho*”.¹⁷⁹ Estar junto é a primeira necessidade para uma compreensão empática na esfera da direção espiritual. Jesus torna-se um com eles, colocando-se em situação de igualdade, como um amigo interessado no problema do outro.

Na sequência, pergunta aos discípulos sobre o que estavam falando e dá a oportunidade para que eles relatem suas experiências segundo as suas próprias impressões. Jesus já conhecia todos os fatos, pois ele mesmo os tinha vivido, mas colocou tudo isto de lado, entre parênteses, para deixar emergir da experiência dos discípulos seus sentimentos e significados.

Interessante frisar que Jesus pergunta por duas vezes sobre o ocorrido, para que eles pudessem falar tudo o que quisessem, sem interrupções. Só depois que os ouviu e os compreendeu empaticamente, Jesus passou a explicar as Escrituras e em seguida desapareceu, para que os discípulos pudessem tirar suas próprias conclusões e entender o que tinha sido explicado.

¹⁷⁸ Cf. Lc 24,13-35

¹⁷⁹ Lc 24,15

O diretor espiritual é convidado, no primeiro momento, a ouvir o que está sendo relatado, deixando em suspenso momentaneamente seu ponto de vista, colocando-se no lugar do outro para efetivamente deixar emergir seus significados, reconhecendo-os e compartilhando-os com o orientando.

O diretor espiritual precisa colocar-se no lugar do outro para tentar entender e sentir como se fosse o orientando, mas sem identificar-se com os sentimentos e problemas do orientando e sem tomá-los para si.

Percebi que este tipo de compreensão habilita o diretor para entender melhor cada orientando e permite que cada relação de ajuda seja única e eficaz, segundo os sentimentos e as necessidades de cada orientando.

A compreensão empática desperta no orientando um sentimento de valorização pessoal e de agradecimento ao diretor que o compreende e o valoriza.

*“Não existe nada que abale tanto o homem, abale a ponto de provocar o sentimento de entrega total, quanto ser descoberto e compreendido”.*¹⁸⁰

4.4.4. Escuta

Elemento fundamental para a relação de ajuda é a escuta sincera e interessada. Entender a escuta como um elemento curativo na relação de ajuda foi um dado transformador na minha prática de direção espiritual, pois eu entendia que direção espiritual era essencialmente a fala do diretor e que, no máximo, a escuta servia para avaliar o problema do orientando. Constatei que, em muitos casos, o diretor espiritual não escuta o orientando, simplesmente aguarda sua vez de falar.

Escutar significa confiar e acreditar na experiência do outro. O diretor espiritual só conhece e entende a experiência do orientando se o escuta. Para mim, admitir que a própria escuta é curativa foi algo muito difícil. Em muitos momentos, me sentia como se eu não quisesse ou não soubesse aconselhar. Afinal, eu acreditava que o diretor espiritual exercia seu papel quando falava e não quando ficava escutando.

¹⁸⁰ Luigi GIUSSANI, *O caminho para verdade é uma experiência*, p.119

Ao longo da prática, fui percebendo que a escuta me ajudava a entender melhor a vida do orientando e, em muitos casos, o que o orientando mais precisava era falar da sua vida e sentir-se ouvido e valorizado.

Muitas vezes, a minha escuta permitia que os próprios orientandos, ao verbalizarem as suas necessidades e anseios, encontrassem à melhor resposta para a situação em que estavam vivendo. Mais do que isto, permitia que eu conseguisse perceber a voz de Deus que falava ao seu coração.

Com o tempo, fui percebendo que aquilo que em um primeiro momento, eu considerava falta de preparo da minha parte, se configurava como um grande instrumento de valorização do outro e de sua experiência de vida.

Constatei que na medida em que o orientando percebe que está sendo ouvido, ele sente-se mais amado e isto provoca mudanças em sua vida.

Hoje posso dizer, que sem escuta não há relação de ajuda, pois só podemos ajudar a quem conhecemos e, é só através de uma escuta sincera e interessada que entendemos a pessoa e podemos ajudá-la.

Escutar com interesse faz com que a pessoa sinta-se protagonista na relação. Através da escuta, percebi que não há soluções iguais para pessoas diferentes e, que para cada pessoa há uma maneira de lidar específica. Escutar de maneira interessada significa reconhecer a singularidade e a dignidade de cada pessoa humana.

Em alguns casos, as pessoas me relatavam situações que não possuíam características ligadas à dimensão espiritual, como por exemplo, problemas de relacionamento, traumas e medos, enfim, problemas psicológicos que eu não tinha preparo para lidar.

Antes desta pesquisa, tinha dificuldades para lidar com esta situação, eu a entendia e tratava como sendo uma forma de desabafo, mas sentia que em alguns casos, as pessoas esperavam algo a mais de mim.

A partir das leituras e discussões sobre o aconselhamento psicológico, fui percebendo, nestes casos, a necessidade de perguntar ao orientando porque ele procurava um padre para este tipo de demanda e no que eu poderia ajudá-lo.

Pode-se dizer que esta atitude do conselheiro *“propicia ao cliente configurar com mais clareza seu pedido de ajuda – ainda que isso não mude sua perspectiva. Trata-se de facilitação à clarificação de sua demanda; o que equivale a dizer, clarificação de seu eu que está em um certo movimento de busca”*.¹⁸¹

Passei a agir deste modo e, as respostas foram as mais variadas possíveis. Alguns chegavam, por conta própria, à conclusão de que precisavam buscar outro tipo de ajuda, pois eu não estava habilitado a ajudá-lo em uma demanda especificamente psicológica. Outros tomavam consciência das próprias necessidades, me pedindo uma benção ou uma orientação sobre a vontade de Deus para aquela determinada situação.

Em todos os casos, esta pratica me ajudou a realizar a direção espiritual de um modo mais condizente com a necessidade de cada orientando.

4.4.5. Envolvimento existencial e distanciamento reflexivo

Constatarei que os dois movimentos propostos pela psicologia, de envolvimento existencial e distanciamento reflexivo auxiliam na direção espiritual.

Em um primeiro momento, o diretor escuta com atenção e compaixão, sendo sempre afetado pelas experiências narradas, e precisa mostrar isto ao orientando. Após este envolvimento, o diretor pode realizar o distanciamento reflexivo para explicar, o que considerar necessário, à luz das Sagradas Escrituras e da Tradição da Igreja, e deixar que o orientando tire suas próprias conclusões.

Todavia, não pode assumir o problema e tentar resolvê-lo no lugar do orientando, precisa se distanciar para refletir sobre o que foi dito, entender e buscar a melhor forma para ajudar.

¹⁸¹ Miguel MAHFOUD, *A vivência de um desafio: plantão psicológico*, in Rachel Lea ROSENBERG (Org.), *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*, p.83.

AFIRMAÇÕES FINAIS

Para concluir, posso dizer que as reflexões que desenvolvi a partir das leituras e discussões foram sendo aplicadas e apropriadas à minha prática de direção espiritual e, eu fui percebendo mudanças concretas no processo e nos resultados alcançados. Percebi, também, que a minha maneira de compreender e de fazer direção espiritual foi mudando influenciada por esta pesquisa.

Constatei que o diretor espiritual é um instrumento que precisa confiar no orientando a fim de deixar emergir suas capacidades, para que ele possa, com o auxílio da graça de Deus, chegar às suas conclusões e tomar suas próprias decisões.

O diretor espiritual precisa preparar o orientando para a sua ausência, para que o próprio orientando possa seguir seu caminho.

Ao longo da pesquisa, pude notar que o processo de direção espiritual foi se tornando mais livre, menos truncado de interrupções da minha parte. Fiquei mais tranquilo, porque me sentia desobrigado de conhecer sempre uma solução para tudo, permitindo que toda relação de ajuda fosse única.

A possibilidade de vivenciar cada relação de maneira inesperada passou a me fascinar, pois eu não sabia o que eu iria encontrar, então eu não precisava ter respostas prontas. O processo acontecia naturalmente e com uma dinâmica própria e o orientando por sua vez, sentia-se livre, confiante e valorizado por alguém que lhe dava atenção.

Consequentemente mudava a visão que algumas pessoas tinham de Deus, pois as pessoas identificam a imagem de Deus que não vêem ao diretor que vêem. Um diretor acolhedor e empático faz com que as pessoas também vejam Deus deste modo.

Mudava também a visão de algumas pessoas sobre a religião católica, que para alguns era uma religião de preceitos e julgamentos, passava a ser um local de encontro, partilha e amor, espaço fraterno de comunhão consigo mesmo, com Deus e com os outros.

No início desta pesquisa, eu acreditava que o importante na relação de ajuda espiritual era que o diretor espiritual fosse um perito em espiritualidade e isto bastava. Hoje, acredito que além da necessidade da perícia, as pessoas necessitam de um amigo de fé e um companheiro de caminhada na vida espiritual.

Verifiquei, na prática, que a psicologia exerce um papel importante na vida do homem, mas não substitui a experiência espiritual, porque o aconselhamento psicológico e a direção espiritual transitam por dois campos distintos de atuação que podem conviver harmoniosamente numa relação de complementaridade.

Atendi pessoas em direção espiritual que já faziam ou que, por indicação minha, passaram a fazer aconselhamento psicológico, realizando um trabalho simultâneo entre a direção espiritual e o aconselhamento psicológico e os resultados foram muito significativos.

Neste momento, a vontade que tenho é de continuar estudando psicologia e incentivar que outros o façam, talvez na área da psicopatologia, pois os conhecimentos em psicologia são muito mais amplos que os abarcados somente pelo aconselhamento psicológico na abordagem centrada na pessoa e, a continuidade deste estudo pode propiciar um maior enriquecimento para a prática da direção espiritual.

Posso dizer que este trabalho de pesquisa me ajudou a conhecer melhor o ser humano e acreditar ainda mais no catolicismo, pois percebi que a psicologia e a religião podem assumir um papel de complementaridade, no qual uma não exclui a outra e cada uma delas é convidada a percorrer o seu próprio campo de atuação, auxiliando o ser humano naquilo que lhe cabe.

Enfim, sou grato por esta dissertação que me possibilitou aventurar-me fora da minha área de atuação, conhecer a beleza do diálogo interdisciplinar e perceber que toda ciência humana existe para estar a serviço do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. 16 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

ALETTI, Mario. “Processi psicologici e accompagnamento spirituale: specificità e interazioni”. In: BRAMBILLA, F.G; ALETTI, M; ANGELINI, M.I; MONTANARI, A. *Accompagnamento spirituale e Intervento Psicologico: interpretazioni*. Milano: Glossa, 2008, pp. 11-48.

AMATUZZI, Mauro Martins. *O resgate da Fala Autêntica: Filosofia da Psicoterapia e da Educação*. Campinas: Editora Papirus, 1989.

ANCONA LOPEZ, Marília. “A espiritualidade e os psicólogos”. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, pp.147-159

_____. “Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas”. In: MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel (org.). *Diante do mistério*. São Paulo: Loyola, 1999, pp.71-86.

AUER, Johann; **RATZINGER**, Joseph. *Curso de Teologia Dogmática: Tomo III El mundo creación de Dios*. 2 ed. Barcelona: Herder, 1985.

BARRY, William A. *A direção espiritual e o encontro com Deus: Uma indagação teológica*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BARRY, William A.; **CONNOLLY**, William J. *A prática da direção espiritual*. Trad. Gulnara Lobato de Moraes Pereira. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BENJAMIN, Alfred. *A entrevista de Ajuda* Trad. Urias Corrêa Arantes. 1.ed. brasileira: 1978. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus é amor*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Carta Encíclica sobre a esperança cristã*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Carta do Papa sobre a remissão da excomunhão aos bispos ordenados por Dom Lefebvre*. 12/03/2009. Disponível em: <www.zenit.org/article-21042?I=portuguese>

BERNARD, André Charles. *Introdução à Teologia Espiritual*. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Loyola, 1999.

BETTENCOURT, Pe. Estêvão Tavares. Curso por correspondência: *Curso de Antropologia Teológica (criação e pecado)*. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. 173 ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

BOAINAIN JR, Elias. *Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers.* São Paulo: Summus, 1999.

BROWNING,D.S & COOPER, T.D. *Self-Actualization and Harmony in Humanistic Psychology. Religious Thought and the Modern Psychologies.* 2.ed. Minneapolis: s. ed, 2004.

CAMARGO, Ismênia de. “A formação do conselheiro”. In: ROSENBERG, Rachel Lea (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa.* São Paulo: EPU, 1987. pp. 53-59

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes, 1993. nº 2352

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Tradução CNBB. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientação da Santa Sé sobre psicologia e seminaristas - 2008.* Disponível em: <www.zenit.org/article-20134?l=portuguese>. Acesso em: 23.11.2008.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA DEI VERBUM, 1965 In: Compêndio Vaticano II. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 121-139

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, 1964 In: Compêndio Vaticano II. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 39-113

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, 1965. In: Compêndio Vaticano II. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, pp.143-256

CORTI, Renato; Moili, GIOVANNI ; SERENTHÁ, Luigi. *A direção espiritual hoje: Discernimento cristão e comunicação interpessoal.* Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 1990.

FARRIS, James Reaves. “Aconselhamento psicólogo e espiritualidade”. In: AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e Espiritualidade.* São Paulo: Paulus, 2005, pp. 161-172

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Aconselhamento Terapêutico: Origens, Fundamentos e prática.* São Paulo: Editora Thomson, 2007.

GAMARRA, Saturnino. *Teología Espiritual.* 2. ed. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, 2006.

GIORDANI, Bruno. *Encuentro de Ayuda Espiritual.* Trad. Jesús Morera. Madrid: Sociedad de Educacion Atenas, 1985.

_____. *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*. Trad. Carlota Boyer Bergese. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1997.

GIOVANETTI, João Paulo. “Psicologia e existencial e espiritualidade”. In: AMATUZZI, Mauro Martin (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, pp.129-145

GIUSSANI, Luigi. *O caminho para verdade é uma experiência*. Trad. Neófito Oliveira e Giovanni Vecchio. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006.

GOUVÊA, Lilia Ransan. *Aconselhamento Religioso à luz da teoria de Kierkegaard sobre as estações na estrada da vida*. São Paulo, 2003, 100 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GRUMMON, Donald L. “Teoria centrada no cliente”. In: STEFFLRE, Buford; GRANT, Harold W.(org) *Teorias de aconselhamento* .Trad. Erothildes M. Barros da Rocha. Recife. Editora Mcgraw-hill do Brasil, 1976, pp. 65-124

GUSDORF, Georges, “Reflexions sur l’interdisciplinarité Bulletin de Psychologie”, XLIII, 397, In: MENDOÇA, Maria Emilia. *A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana*. São Paulo, 2007, 256 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HOUDEK, Frank J. *Guiados pelo Espírito: Direção espiritual em perspectiva inaciana*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2000.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fé e Razão*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *Carta Encíclica O Esplendor da Verdade*, São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *Homem e mulher o criou: catequeses sobre o amor humano*. PETRINI, João Carlos; SILVA, Josafá Menezes da (Orgs). Bauru: Edusc, 2005.

JORDÃO, Marina Pacheco. “Reflexões de um terapeuta sobre as atitudes básicas na relação terapeuta-cliente”. In: ROSENBERG, Rachel Lea (Org). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: EPU, 1987, pp.45-52

LAIRD, Rebecca J. “Como encontrar um diretor espiritual”. In: *Direção espiritual: Sabedoria para o caminho da fé*. Trad. Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis:Vozes, 2007, pp.197-203.

LARRABURE, Melissa Guerrera. *Semelhanças e diferenças entre o atendimento psicológico e o atendimento religioso: “os últimos passos de um homem”*. São Paulo, 2003, 53 p.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MAHFOUD, Miguel. “A vivência de um desafio: plantão psicológico”. *In*: ROSENBERG, Rachel Lea (Org). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: EPU, 1987, pp.75-83

MENDONÇA, Maria Emilia. *A psicomotricidade e a educação somática à luz da psicanálise winnicottiana*. São Paulo, 2007, 256 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MONDONI, Danilo. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. 2ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORATO, Henriette Tognetti Penha. “Abordagem centrada na pessoa: teoria ou atitude na relação de ajuda?” *in*: ROSENBERG, Rachel Lea (Org.). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: EPU, 1987, pp.24-44

MORO, Ulpiano Vasquez. *A orientação espiritual: mistagogia e teografia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NOUWEN, Henri. *Direção espiritual: Sabedoria para o caminho da fé*. Trad. Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis:Vozes, 2007.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se Pessoa*. Trad. Manuel José do Carmo Ferreira. Lisboa: Moraes editores, 1970.

_____. *Um jeito de ser*. Trad.Maria Cristina Machado Kupfer, Heloísa Lebrão e Yone Souza Patto. São Paulo: EPU, 1983.

_____, Kinget, G. Marian. *Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e Prática da Terapia Não-Diretiva*. Trad. Maria Luisa Bizotto. Belo Horizonte: Interlivros,1975.

ROGERS ,Carl R.; STEVENS, Barry. *De pessoa para pessoa: O problema de Ser Humano - uma nova tendência na psicologia*. 2ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1978. Trad. Miriam L. Moreira Leite e Dante Moreira Leite.

RUDIO, Franz Victor. *Orientação não-diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia*. 14 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SCHEEFFER, Ruth. *Aconselhamento Psicológico: teoria e prática*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1976

_____.*Teorias de Aconselhamento*. São Paulo: Atlas, 1976

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. “Aconselhamento psicológico: questões introdutórias”.
In: ROSENBERG, Rachel Lea (Org). Aconselhamento psicológico centrado na pessoa. São Paulo: EPU, 1987, pp.14-23

SCIADINI, Frei Patrício. *A pedagogia da Direção Espiritual.* São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. *O que é, como se faz direção espiritual.* São Paulo: Edições Loyola, 2008.

SOUZA, Lizete Quelha De. *A Abordagem centrada na pessoa e a experiência religiosa: uma discussão da relação Eu-Tu como fator de transcendência na psicoterapia.* São Paulo, 2002, 96p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Caminhar juntos: Psicologia pastoral.* Trad. Anna Maria Pareschi Capovilla. São Paulo: Loyola, 2006.

TERESA DE CALCUTÁ, Madre. “Carta de Madre Teresa para o padre Don Kribs – 1974”.
In: KOLODIEJCHUK, Brian. Madre Teresa venha, seja minha luz. Trad. Maria José Figueiredo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

THORNE, Brian; MEARNS, Dave. *La terapia centrada en la persona hoy: Nuevos avances en la teoría y en la práctica.* Trad. Susana Gorbeña Etxebarría e Manuel Marroquín Pérez. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2003.